



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA**

ISMÊNIA DE OLIVEIRA HOLANDA

**ESCREVER PARA SI, ESCREVER SOBRE SI: A LITERATURA LÉSBICA ENTRE
O VIRTUAL E O IMPRESSO**

FORTALEZA

2015

ISMÊNIA DE OLIVEIRA HOLANDA

ESCREVER PARA SI, ESCREVER SOBRE SI: A LITERATURA LÉSBICA ENTRE O
VIRTUAL E O IMPRESSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva

FORTALEZA

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- H000e Holanda, Ismênia de Oliveira.
Escrever para si, escrever sobre si : a literatura lésbica entre o virtual e o impresso /
Ismênia de Oliveira Holanda. – 2015.
98 f. : il. color.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2015.
Orientação: Prof. Dr. Antonio Cristian Saraiva Paiva.
1. Literatura Lésbica. 2. Trajetória. 3. Formação de escritoras. I. Título.

CDD 301

ISMÊNIA DE OLIVEIRA HOLANDA

ESCREVER PARA SI, ESCREVER SOBRE SI: A LITERATURA LÉSBICA ENTRE O
VIRTUAL E O IMPRESSO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Diversidades culturais, estudos de gênero e processos identitários.

Aprovada em: 04 / 02 / 2015.

BANCA

Prof. Dr. Antonio Crístian Saraiva Paiva (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dr. Jânia Perla Diógenes de Aquino
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

À Vó Pinha,

Exemplo de força e de luta pela vida.

À Paula (in memoriam),

Por tudo que ela é na vida e na obra de
Karina Dias.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de Mestrado, através das quais tive o aporte financeiro para me dedicar ao Mestrado em Sociologia.

Ao Prof. Dr. Crístian Paiva, meu orientador, paciente companheiro em minhas jornadas de pesquisa e exemplo de erudição. Obrigada por todas as conversas, conselhos e livros emprestados.

Aos membros da banca de qualificação, as professoras Dr.^a Andréa Borges, Dr.^a Jânia Perla e Dr.^a Roberta Manuela, pelas ótimas considerações e contribuições que em muito me ajudaram na elaboração deste trabalho.

Aos membros da banca da defesa, a professora Dr.^a Jânia Perla e o professor Dr. Ricardo Sabóia, pelo aceite de participar desta empreitada e pelos bons conselhos que sei que virão acerca desta Dissertação.

À Karina Dias, por toda a atenção dispensada a esta pesquisadora em todos os contatos que teve comigo. Obrigada pelo trabalho que tem feito com seus textos e pela atenção dada aquelas leitoras que sempre precisam de uma palavra amiga.

À todas as mulheres escritoras brasileiras que, desde Cassandra Rios, têm dado um novo e necessário colorido a nossa literatura.

Aos meus pais, Aníbal e Silvana, pelo apoio e incentivo aos meus estudos desde sempre e até hoje. Pelo carinho, amor e por todos os livros que sempre me deram.

Aos meus irmãos, Edu e Vladimir, pelas conversas e sorrisos, pelo apoio e compreensão.

Aos meus familiares, tias, tios, primos e primas e, especialmente, aos meus avós, Nete, Tarcísio, Julim (*in memoriam*) e a vó Pinha. À vó Pinha, neste momento difícil, além de agradecer por tudo, desejo muita saúde.

As amigas e aos amigos Abda Medeiros, Aline Alves, Chico Daniel, Daniel Borges, Genilria Rios, Jonas Santos, Josileine Araújo, Livia Amaral, Luanna Marley, Marcelle Silva, Neivania Rodrigues, Raquel G., Raquel dos Anjos, Rebeca Coelho, Rose Marques e Talita Furtado, que sempre “estavam lá naquele momento”.

Aos colegas da turma de Mestrado em Sociologia 2013 da Universidade Federal do Ceará, Aleksandra Oliveira, Benjamin Lucas, Diego Morais, Fernando

Cavalcante, Francisco Raphael, Josileine Araújo, Juliana Chagas, Léo David, Lívia Amaral, Márcio Kléber, Marcelle Silva, Régis Wendell, Ronaldo Queiroz e Tiago Sabóia, pelos aprendizados em conjunto, pelos risos e pelos gostosos e saudosos “lanchinhos nos intervalos”.

Aos colegas de trabalho nos cursos de Educação em Direitos Humanos (EDH) e de Gênero e Diversidade na Escola (GDE), principalmente aos professores Marcelo Natividade e Alcides Gussi, pelo incentivo ao trabalho com temas muitas vezes difíceis, porém muito importantes e gratificantes.

As professoras e aos professores do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, especialmente aos professores Alba Pinho, Andréa Borges, Crístian Paiva, Danyelle Nilin, Irllys Barreira, George Paulino e Linda Gondim. Vocês me ajudaram não somente em sala de aula, mas também nas conversas informais “pelos corredores da Sociologia”.

Aos queridos funcionários do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, Aimberê, Socorro e Lorena, que sempre foram atenciosos e solícitos para ajudar e para conversar.

As professoras e aos professores do Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, Ana Amélia de Melo e Régis Lopes, com os quais pude aprender muito e que muito me incentivaram em minha pesquisa atual e futura.

A todos vocês, muitíssimo obrigada!

“A tentativa de dizer o indizível parece ser, de fato, um traço recorrente da escrita feminina. Simbólica, na condição de linguagem verbal, essa escrita resiste, entretanto, à mediação linguística, buscando ‘encostar’ a palavra à coisa e atingir o além do signo.”

Lúcia Castello Branco

RESUMO

A presente dissertação de Mestrado analisa a trajetória de Karina Dias, uma escritora assumidamente lésbica que antes publicava somente em blogs e sites voltados para a cultura lésbica e que hoje publica, também, em livros impressos. Esta escritora, além de assumir a sua homossexualidade, escreve textos voltados para lésbicas e cujas personagens principais também figuram esse micro-universo sócio-sexual. A internet é ponto chave no traçado desta pesquisa, pois se estuda a formação de escritoras brasileiras tendo como elemento propulsor de suas carreiras o advento de blogs e sites de divulgação de textos lésbicos. Tem-se por objetivo, a partir da análise desta trajetória específica, compreender o processo de transição de escritores do mundo digital para o impresso, assim como a sua relação com estes dois tipos de publicação (virtual e física), publicações estas que não podem mais ser separados diante da importância da internet como forma de divulgação de novos escritores e novas obras. Realizou-se um estudo das obras desta escritora e, mais profundamente, analisou-se a trajetória de vida dela, buscando traçar pontos de continuidade e de descontinuidade na experiência de ser uma escritora pertencente a uma minoria sexual e que tem sua escrita voltada para esta minoria.

Palavras-chave: Literatura Lésbica. Trajetória. Formação de escritoras.

ABSTRACT

This Master's thesis analyzes the trajectory of Karina Dias, an openly lesbian writer who before published only in blogs and facing sites lesbian culture and now also publishes in printed books. This writer talk openly about homosexuality, writes texts aimed at lesbians and whose main characters also appear that socio-sexual micro-universe. The internet was a key route of this research, as we study the formation of Brazilian writers having as driving element of their careers the advent of blogs and disclosure of lesbians texts sites. It has been the objective from the examination of this particular trajectory, understand the process of transition of the digital world writers for printed, as well as their relationship with these two types of publication (virtual and physical), these publications that cannot more be separated on the importance of the Internet as a means of dissemination of new writers and new works. We conducted a study of the works of this writer and, more deeply, analyzed the trajectory of her life, in order to describe points of continuity and discontinuity in the experience of being a writer belonging to a sexual minority, and that's turned to writing this minority.

Keywords: Lesbian Literature. Trajectory. Writers formation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Perfil de Karina Dias no Site XanalnBox em Setembro de 2007 e acessado através do Archive.org	42
Figura 2 – Comunidade Histórias e Desabafos (Orkut)	50
Figura 3 – Comunidade de fãs no Leskut	51
Figura 4 – Site pessoal de Karina Dias	52
Figura 5 – Lançamento da coletânea de textos Orgias Literárias da Tribo	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COL	CardosoOnLine
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros
NUSS	Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade
UFC	Universidade Federal do Ceará
XiB	XanaInBox

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Minha trajetória no tema e na pesquisa	14
1.2	Pressupostos teórico-metodológicos	23
1.3	Divisão dos capítulos	29
2	A ESCRITA E SEUS CONTEXTOS	32
2.1	Quem escreve?	32
2.2	O caso da escrita lésbica no Brasil	35
2.3	A escrita e os blogs	38
3	ESCREVER PARA SI, ESCREVER SOBRE SI: A ESCRITA LÉSBICA EM (FORM)AÇÃO	41
3.1	Karina Dias	41
3.2	Escrever uma história	56
4	OBRAS EM ANÁLISE	63
4.1	Karina Dias	64
4.1.1	<i>De repente é amor: o primeiro livro virtual</i>	65
4.1.2	<i>No ritmo do amor e Aquele dia junto ao mar: duas versões de um mesmo amor</i>	68 71
4.1.3	<i>As rosas e a revolução: um livro exclusivamente impresso</i>	74
4.2	A formação do eu lésbico na literatura	76
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
	REFERÊNCIAS	86
	APÊNDICE A – LISTA DE TEXTOS PUBLICADOS POR KARINA DIAS NA INTERNET	94
	ANEXO A – TEXTO DE KARINA DIAS SOBRE A SUA ESCRITA	97

1 INTRODUÇÃO

“Instituição viva e flexível, já que é também um processo, ela possui na história o seu elo comum com a sociedade. O ponto de intersecção mais sensível entre a história, a literatura e a sociedade está centrado evidentemente na figura do escritor.”
Nicolau Sevcenko

1.1 Minha trajetória no tema e na pesquisa

A presente dissertação de Mestrado analisa a trajetória de Karina Dias, uma escritora assumidamente lésbica que antes publicava somente em blogs e sites voltados para a cultura lésbica e que hoje publica, também, em livros impressos. Esta escritora, além de assumir a sua homossexualidade, escreve textos voltados para lésbicas e cujas personagens principais também pertencem a essa minoria sexual.

Tem-se por objetivo, a partir da análise desta trajetória específica, compreender o processo de transição de escritores do mundo digital para o impresso, assim como a sua relação com estes dois tipos de publicação (virtual e física), publicações estas que não podem mais ser separadas diante da importância da internet como forma de divulgação de novos escritores. Para tanto, pretendo fazer um estudo das obras desta escritora e, mais profundamente, analisar a trajetória de vida dela, buscando traçar pontos de continuidade e de descontinuidade na experiência de ser uma escritora pertencente a uma minoria sexual e que tem sua escrita voltada para esta minoria.

Pretendo acessar formas de inteligibilidade social sobre sujeitos subalternos (SPIVAK, 2010), tendo como campo de estudos as interseções campo/figuração literária e trajetória da autora/experiência de vida. Penso que o estudo de textos literários e de histórias de vida (DEBERT, 2004) são formas de permitir ao cientista social adentrar no campo das interpretações sobre conflitos, experiências e trajetórias associados às realidades das minorias sexuais femininas. Neste sentido, parto do pressuposto de que a trajetória de vida desta escritora assim como seus livros demonstram algumas formas de vivenciar a experiência homossexual feminina na sociedade brasileira contemporânea. Além disso, para

pensar a relevância da literatura para os estudos da sociedade, sigo os ensinamentos de Eliane Soares, em seu artigo “Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia”. Segundo a autora, “o argumento que procuro desenvolver não propõe uma equivalência entre literatura e conhecimento científico. Busca explorar novos caminhos em que a literatura seja encarada como uma epistemologia válida para a compreensão das dinâmicas sociais.” (SOARES, 2014, p. 81)

De forma sucinta, o objetivo geral desta pesquisa é estudar a trajetória de uma autora brasileira que transita entre a escrita em blogs e em livros. Mais especificamente, a escolha de Karina Dias ocorreu devido ao fato de ela ser assumidamente lésbica e publicar textos cujas personagens principais também o são. A partir deste objetivo específico e com os dados já coletados durante a pesquisa, tenho por hipótese que se tem desenvolvido um processo de fortalecimento de grupo a partir da escrita de textos lésbicos. A produção e reprodução destes textos seria, pois, um modo de afirmação identitária, principalmente, entre leitoras e escritoras lésbicas e, de forma secundária, entre lésbicas e o público heterossexual.

Penso que a formação de espaços de socialização e de publicação de textos lésbicos na internet tem produzido a chance de leitoras tornarem-se autoras representativas das mulheres homossexuais. Pude também perceber, a partir das entrevistas realizadas com a autora, que um processo íntimo (a escrita) tem se tornado um processo coletivo e político (a afirmação de identidades lésbicas), voltado para um público específico. Criam-se, assim, textos com características pedagógicas, de autoaceitação, no qual uma autora fala em nome do público, colocando questões relativas à moral, expressando dilemas e experiências e formalizando soluções possíveis.

Existe hoje em dia uma rede de compartilhamento virtual, que é uma forma dessas mulheres quebrarem a hegemonia das culturas legítimas (LAHIRE, 2006) que (d)escrevem sobre o que é ser/estar (HEILBORN, 1996) lésbica na sociedade contemporânea. Assim, o meio virtual, sites e blogs lésbicos, constituem-se como um espaço de compartilhamento de experiências e vivências comuns, porém pautadas pela questão da diversidade de gênero e de orientação sexual.

Theodor Adorno (2008), ao estudar as colunas de horóscopo do Jornal Los Angeles Times, nos mostra como tais textos têm um público esperado e o quanto isso reflete naquilo que é publicado, sendo esta uma das características da

indústria cultural. De forma semelhante, percebe-se que os textos voltados para o público lésbico têm claramente um público esperado. Então, pensando na relação escrita/leitura, escritor/leitor, qual a relação do processo de produção desses textos com o público-alvo? O que o estudo destas obras e da autora nos revela sobre as trajetórias lésbicas na atualidade brasileira?

Para melhor entender as trajetórias dessas mulheres, faço aqui um recorte de pesquisa, escolhendo como interlocutora a escritora Karina Dias. Partindo da trajetória dela, busco pensar a relação literatura/cultura/identidade para as mulheres leitoras e autoras desses textos. Pretendo, também, analisar a importância da internet no processo de crescimento e fortalecimento da escrita de livros feitos por lésbicas e para lésbicas no Brasil e o impacto disto para a cultura deste grupo.

O meu interesse de pesquisa pelo tema da relação entre homossexualidade e literatura existe desde que ingressei no Núcleo de Pesquisas sobre Sexualidade, Gênero e Subjetividade (NUSS) em 2009 e fui bolsista de Iniciação Científica na pesquisa Figuras, Trajetórias e Experiências de Envelhecimento nas Narrativas de Lygia Fagundes Telles e Caio Fernando Abreu. Nesta pesquisa tive a oportunidade de perceber a literatura como forma de autorrepresentação de grupos que sofrem processos de exclusão social, como idosos, mulheres e homossexuais.

Em razão do interesse que tenho pela literatura escrita por mulheres e por homossexuais, no ano de 2010 escolhi como objeto de análise textos escritos por lésbicas como forma de criar um imaginário social positivo acerca da identidade homossexual feminina. Foi, então, através desta pesquisa, que conheci o trabalho da primeira editora voltada para o público lésbico da América Latina: a Editora Brejeira Malagueta, fundada em 2008, em São Paulo. Visando analisar o trabalho realizado por esta editora na produção de livros que passem uma imagem positiva para e sobre lésbicas, pesquisei por dois anos e meio o trabalho da Brejeira Malagueta.

No processo de elaboração da minha monografia no curso de Ciências Sociais, pude constatar que, com a popularização da internet e dos blogs no Brasil, muitas lésbicas passaram a compartilhar suas experiências afetivas e sexuais em textos biográficos e/ou ficcionais disponibilizados em blogs pessoais e em sites voltados para o público lésbico. Dessa forma, foi-se constituindo uma rede não somente de compartilhamento de textos, mas também outros modos de expressão

cultural, como filmes, músicas e seriados, fomentando a homocultura, que Foucault define como sendo:

a questão da cultura gay (...) uma cultura no sentido amplo, uma cultura que inventa modalidades de relações, modos de vida, tipos de valores, formas de troca entre indivíduos que sejam realmente novas, que não sejam homogêneos nem se sobreponham às formas culturais gerais. (...) uma cultura que só tem sentido a partir de uma experiência sexual e de um tipo de relações que lhe seja próprio (FOUCAULT, 2004, p. 122-123).

A Editora Brejeira Malagueta, primeiramente intitulada Editora Malagueta, foi fundada na metade do ano de 2008, em São Paulo, pelo casal Hanna Korich e Laura Bacellar. Ambas já participavam de movimentos homossexuais e de espaços de fomento da homocultura, como saraus e eventos. Bacellar, mais especificamente, já trabalhava como editora de textos e vinha voltando o seu trabalho para obras que abordassem as questões das homossexualidades. Porém, ao perceber a necessidade de fortalecimento da rede de leituras de textos lésbicos, o que Lahire (2006) denominara como uma rede de culturas não-legítimas, ela resolveu focar o seu trabalho naquele público que mais conhecia: as lésbicas.

Mesmo com a existência de selos editoriais para o público LGBT, como a Edições GLS, o que se percebeu era que os mesmos centravam suas publicações para o público gay, tendo bem menos obras voltadas para o público lésbico ou trans (HOLANDA, 2012). Segundo nos mostram Facco (2003) e Vargas (1995), há uma lacuna no tocante a representação de ideias positivas e finais felizes para personagens lésbicas na literatura brasileira. Pode-se perceber que, em nossa literatura, há uma sub-representação destas mulheres e quando são representadas o são com características estereotipadas (masculinidade, violência, uso de drogas) e com um final semelhante: trágico e solitário.

Em seu processo de divulgação, a editora Malagueta mostrou sofrer, além de preconceito homofóbico, os mesmos problemas que diversas outras editoras de pequeno porte ou de nicho sofrem: dificuldade para que seus livros sejam vendidos em grandes livrarias e que estejam em vitrines de destaque. Cabe ressaltar que muitas vezes tais posições de destaque dentro de uma livraria não são aleatórias, mas sim fruto de negociações e pagamentos por espaços, o que dificulta a visibilidade de grupos que não estejam dentro dos grandes circuitos de editoras e livrarias.

Diante disso, editoras menores têm criado novas estratégias de marketing, em geral mais baratas. Essa questão faz da internet um forte aliado na consolidação da relação com o público-alvo, pois é ela o meio de divulgação que mais fortemente a editora tem utilizado para transpor as barreiras citadas.

Além do uso da internet, através de seu site e página no Facebook, a Editora tem realizado eventos próprios, como saraus, com leituras de textos lésbicos da própria editora e de outras autoras, e a produção e apresentação de um programa quinzenal chamado As Brejeiras. Neste programa, disponibilizado no site Youtube, as donas da editora conversam com entrevistados sobre temas relacionados ao universo lésbico e sobre temas que estejam sendo importantes no momento, além disso, elas levam as autoras dos livros publicados para conversarem sobre os mesmos e lerem trechos selecionados.

O que pude perceber, na pesquisa de monografia que realizei, foi que estes eventos, assim como o programa, não têm somente o intuito de vender os livros da editora, mas de fortalecer uma cultura de grupo em torno das mulheres lésbicas. Trata-se da junção de várias expressões artísticas, não somente a literatura, envolvendo as realidades de mulheres homossexuais.

A Editora trouxe a oportunidade de publicação para escritoras que não haviam antes sido publicadas de forma impressa por editoras de grande porte. Na verdade, a maioria das autoras publicadas pela Brejeira Malagueta disponibilizavam seus textos de forma gratuita em blogs na internet. Mesmo agora existindo essa oportunidade de publicação dos livros há um entrave no mercado editorial brasileiro quando a isenção de mercado de editoras de pequeno porte. Segundo Dalcastagnè (2005), há uma grande dificuldade para aqueles que trabalham com livros que saem do modelo hegemônico, ou seja, obras cujos personagens principais não sejam homens, heterossexuais, brancos e de classe média.

Dalcastagnè (2007) expõe, também, que há uma restrição em relação à diversidade de perspectivas e de apresentação de personagens dos mais diversos grupos sociais não majoritários socialmente. O cânone literário brasileiro poucos os representa, ou quando o faz é de maneira estigmatizada. A autora conclui seu pensamento afirmando que “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, 2002, p. 34).

Segundo Denise Portinari (1989), o silêncio sobre protagonistas lésbicas faz parte de um silêncio sobre protagonistas mulheres, sobre a baixa divulgação de obras produzidas por mulheres e que versem sobre mulheres. A autora afirma que há um silenciamento sobre história femininas e tal silenciamento se acentua no tocante às histórias com protagonistas lésbicas, haveria, pois, um duplo pertencimento minoritário: ser mulher e ser homossexual. Neste sentido, as minorias sociais refletem na produção literária, produzindo minorias literárias.

Se alinhando a este pensamento temos os estudos de Cíntia Schwantes (2000). A pesquisadora expõe a importância de obras escritas por mulheres, pois, segundo ela, “livros nascem de outros livros”. Assim sendo, constitui-se como uma necessidade a publicação de livros por mulheres realizando uma autorrepresentação do universo feminino. Tal representação é uma forma de fortalecimento deste universo, de uma cultura de grupo ligada ao feminino, seja ele heterossexual ou homossexual.

A Editora Brejeira Malagueta e as autoras por ela publicadas posicionam-se como “profissionais da representação”, nos termos já formulados por Erving Goffman. Goffman (2007) nos mostra que tais pessoas transformam o estigma a eles atribuído (no caso em questão ser lésbica) como uma forma de empoderamento, buscando representar aquele grupo estigmatizado do qual elas são parte integrante.

Na presente dissertação, não buscamos analisar a Editora Malagueta e sim analisar e compreender as transformações que ela ajudou a existir para mulheres que produziam textos lésbicos e os divulgavam pela internet devido ao fato de não acharem espaço no meio editorial tradicional. Segundo Bellei (2002) as barreiras que a internet quebra ao aproximar escritor e leitor possibilitam o surgimento de uma figura denominada wreader, oriundo da junção do writer (escritor), com o reader (leitor). O mundo virtual e o compartilhamento de história que ele possibilita fazem com que a distância e a hierarquia entre o escritor e o leitor, entre quem produz e quem consome, seja atenuada ao ponto de um leitor se transformar em um possível escritor, um wreader.

As escritoras que a Editora Brejeira Malagueta edita, como no caso de Karina Dias, surgiram como escritoras em meio a este ambiente virtual permeado por wreaders. A mediação virtual para a divulgação de obras literárias possibilitou que protagonistas lésbicas surgissem em espaços como blogs ou redes sociais. Em

tais obras é recorrente a abordagem de temas da vida cotidiana sob o olhar de mulheres que poucas vezes se viram enquanto protagonistas de livros.

Os textos produzidos por tais wreaders expõe uma visão de mundo de mulheres homossexuais, mas não somente voltada para estes grupos. É, pois, uma forma de outras pessoas entenderem melhor as peculiaridades da vivência de uma minoria sexual. As obras nos mostram que não há um modelo único de vivenciar a homossexualidade feminina, que assim como há uma pluralidade de perspectivas de vidas de pessoas heterossexuais, há também uma pluralidade quando se tratam de vidas homossexuais.

Tais textos saem do modelo que se é mais conhecido de lésbicas, o modelo estigmatizado da lésbica masculinizada. Há sim personagens que seguem tal modelo, porém o que se mostra é que ele não é a única forma de ser lésbica, sendo esta uma das tantas formas de expressão da identidade homossexual feminina (FACCHINI, 2009).

Linhares Neto (2009) e Muniz (2010) nos mostram como a publicação e divulgação coletiva de textos na internet é um fenômeno de diversos grupos sociais minoritários desde final da década de 1990, não sendo, pois, uma prática exclusiva de escritores voltados para o público homossexual. Há nestes estudos uma exposição de como grupos minoritários em geral e de jovens, principalmente os envolvidos em culturas urbanas, utilizaram a internet como forma de divulgar e ler textos mais próximos de suas realidades sociais.

Em contraponto aos estudos antes citados, o que podemos primeiramente perceber é que tais autores que não publicavam textos sobre e para minorias sexuais tiveram de forma mais rápida uma inserção do mercado editorial impresso, fazendo de forma mais não a transição do texto em tela para o texto em papel.

Um dos precursores dessa escrita virtual e que obteve um grande sucesso entre o grupo de jovens universitários nos anos de 1998 a 2001 foi o fanzine virtual ou mailzine CardosoOnLine (COL). Segundo Muniz (2010), “o termo fanzine, que se origina da junção das abreviações de “fanatic” (fã) e “magazine” (revista), pode ser compreendido como um tipo de “publicação independente e amadora, geralmente de pequena tiragem e impressa em fotocópias ou pequenas impressoras.” (MAGALHÃES, 2004, p. 11)” (MUNIZ, 2010, p. 15). O COL reunia uma série de escritores gaúchos e era enviado por e-mail para os leitores, atingindo um público em todo o Brasil. Ainda em 2001, quando o COL ainda era editado,

Daniel Galera passou a publicar em livros e em 2002 Clarah Averbuck também fez essa transição, poré, continuando com as publicações em seus blogs pessoais e em revistas brasileiras impressas de circulação nacional.

Averbuck e Galera tiveram uma transição rápida para o meio impresso, mesmo ainda produzindo textos de forma gratuita. De forma diferente, autoras voltadas para o público lésbicos, mesmo fazendo sucesso com este público não despertaram rapidamente o interesse do mercado editorial brasileiro. De fato, as primeiras que vieram a ser publicadas foram com o advento de pequenos selos editoriais voltados para um mercado de nicho.

O trabalho de acompanhamento e análise das estratégias de inserção de livros com personagens principais lésbicas no mercado editorial brasileiro resultou em diversos trabalhos acadêmicos em disciplinas e em congressos, nos quais pude expor o que esta experiência de afirmação identitária de um grupo marginalizado pode ensinar sobre a produção de identidades coletivas na sociedade brasileira atual. As certezas e incertezas, os achados e as dificuldades desta pesquisa, culminaram com a defesa da monografia intitulada (Re)escrita de identidades lésbicas no Brasil Contemporâneo: a experiência da Editora Brejeira Malagueta, a qual foi apresentada no primeiro semestre de 2012 no departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará (UFC).

A análise que busco realizar na presente dissertação não seria, pois, uma continuidade da pesquisa de monografia, e sim um alargamento do olhar a partir das questões que o trabalho suscitou. Dentro dessas questões, uma das que mais me instigou foi a trajetória das escritoras desses livros, que antes somente tinham a perspectiva de ter seus textos publicados em blogs, e que, com o surgimento da editora, passaram a ter a oportunidade de publicar seus textos em livros.

Para entender o impacto do surgimento da editora para tais escritoras, estudei a trajetória de vida de Karina Dias. Penso que a trajetória de vida dessa autora dá suporte para entender o momento e os reflexos do surgimento de espaços de livre escrita, como os blogs e os selos editoriais, para a inserção de personagens e de escritoras lésbicas no espaço literário brasileiro. Dessa forma, meu trabalho foi tentar compreender a relação entre trajetória individual e trajetória social (GOFFMAN, 1988), entre experiência individual e experiência cultural (SHALINS, 2004), buscando entender o social a partir do ponto de vista do indivíduo (LAHIRE, 2006).

Karina Dias tem publicados na internet doze romances e um conto. Em formato de livro impresso, a autora possui três obras e participou de duas coletâneas de contos LGBTs, uma nacional e uma internacional. Ela é formada em Jornalismo e reside em São Paulo, onde atualmente tem se voltado exclusivamente para a escrita (DIAS, 2012).

A escolha de Dias se deu primeiramente pelo fato de ser uma escritora lésbica que fez a transição da escrita virtual para os livros, porém tal escolha também se deu pelo sucesso que ela possui com as leitoras de livros lésbicos e pelo volume de obras que ela publicou tanto na internet quanto impresso.

Penso que esta pesquisa tem relevância não somente do ponto de vista metodológico, ao relacionar pesquisa em ambiente virtual com história de vida, mas também é importante do ponto de vista da temática, visto que a transição de escritoras lésbicas do ambiente virtual para o mercado editorial trata-se de um fenômeno novo em nossa sociedade.

No documentário *A Sociologia é um esporte de combate*, de Pierre Charles (2001), Bourdieu elabora interessantes reflexões sobre a sua própria obra e uma delas muito me fez refletir sobre o meu ofício de socióloga e a minha pesquisa:

Sempre digo que é preciso fazer a análise reflexiva. Os sociólogos têm de fazer sua própria sociologia, devem fazer auto socioanálise. Isso é extremamente importante: é fazendo a socioanálise da sua própria experiência que se pode servir sociologicamente. Aliás, o próprio trabalho da pesquisa é uma socioanálise. As coisas voltam, mas se transformam. Aprende-se muito sobre si mesmo. Um professor aprende mais sobre seu inconsciente estudando o sistema escolar que estudando a obra de Freud. (BOURDIEU, 2001)

Creio que com a presente investigação, assim como com a pesquisa anterior que resultou em minha monografia (HOLANDA, 2012), tenho feito um exercício de auto socioanálise. Com a atual pesquisa, ao estudar trajetórias de mulheres que são lésbicas e escritoras, estou aprendendo muito não somente sobre a minha trajetória de pesquisa, mas sobre a minha trajetória pessoal.

No decorrer dos dois anos de pesquisa, priorizei a catalogação e análise dos textos da autora, para, a partir disto, fazer a seleção dos que entrariam no corpus de análise da dissertação. Paralelamente a isto, realizei entrevistas com a autora Karina Dias, que me fizeram modificar alguns dos tópicos que pretendia trabalhar.

1.2 Pressupostos teórico-metodológicos

O referencial teórico e metodológico que busco utilizar nesta pesquisa agrega autores de vários saberes das Ciências Humanas, pois, como Bellei afirma, “o estudo do livro em tempo e espaço virtual tende a ser mais transdisciplinar” (BELLEI, 2002, p. 105). Assim, destaco alguns procedimentos desta pesquisa: leitura etnográfica de textos literários (FACINA, 2004), história oral e história de vida (DEBERT, 2004) e sociologia do ponto de vista do indivíduo (LAHIRE, 2006); e alguns descritores temáticos que a norteiam: trajetória (KOFES, 1994; 2001), cultura de grupo (LAHIRE, 2006), sociologia em escala individual (LAHIRE, 2003), escrita lésbica (FACCO, 2003; VARGAS, 1996), trajetórias e experiências individuais e coletivas (GOFFMAN, 1988; SAHLINS, 2004).

Realizei primeiramente um levantamento bibliográfico para identificar o conhecimento já produzido sobre a temática em questão, catalogando as fontes bibliográficas e documentais sobre o assunto, realizando, assim, um estudo sobre quais e como tais obras poderão me dar um aporte teórico. Em um segundo momento, iniciei um estudo das obras literárias em questão à luz dos conceitos obtidos nesta catalogação bibliográfica.

Mantive contato com a escritora Karina Dias por e-mail desde de dezembro de 2013. Antes disso, eu já acompanhava a autora em sua página no Facebook, assim como em seu site. Neste período de conhecimento e aproximação com a autora, li e escutei diversas entrevistas concedidas por ela. Para poder fazer um estudo sobre a trajetória e o processo de criação literária da autora, primeiramente coletei informações sobre ela em sites, fiz clipping de jornais, revistas, sites e programas de rádio e de televisão.

O fato de ela ser uma autora aberta aos meios de comunicação, tanto os meios em geral, quanto aqueles voltados para o público lésbico, fiz com que eu pudesse retirar algumas das perguntas que eu pensava fazer na entrevista que estava planejada. Diante disso, pude aprofundar questões que ela havia pronunciado em outras entrevistas.

Posteriormente fiz um mapeamento dos sites e blogs nos quais ela publicou ou publica. Somente após o estudo destes materiais, que me fizeram

melhor entender a realidade em questão, passei a entrar em contato com a autora e a realizar entrevistas, visando elucidar pontos-chave para a minha pesquisa.

Foi feito uma análise das obras literárias da autora, seja de forma virtual, quanto de forma impressa. Tal análise visa “elaborar uma perspectiva etnográfica da criação artística” (FACINA, 2004, p. 19) e para que essa etnografia do texto possa ser feita de maneira mais completa faz-se necessária uma reconstituição do tempo e do espaço no qual a escritora está inserida, assim tenho como corpus os seguintes textos e sites:

a) Livros da autora publicados de forma impressa:

1. Aquele dia junto ao Mar;
2. As Rosas e a revolução.

b) Páginas em redes sociais (*Orkut*, *Leskut* e *Facebook*) e site pessoal da autora (www.karinadias.com.br);

c) Sites e blogs de socialização de cultura lésbica nos quais a autora publica ou publicou, por exemplo:

1. Site XanaInBox;
2. Comunidade Histórias e Desabafos, no Orkut;
3. Site Livre Arbítrio.

Com tais procedimentos metodológicos busquei seguir a perspectiva de Robert Darnton (1986), da “leitura etnográfica dos textos” (Darnton, 1986). Esta perspectiva visa uma aproximação entre História e Antropologia, com a possibilidade de existência do historiador-antropólogo ou do antropólogo-historiador, que não buscam unicamente contar a História do ponto de vista das biografias dos grandes heróis, das grandes figuras, dos grandes pensadores. Busca-se uma História também a partir da literatura, das anedotas, da cultura popular, etc. Segundo Darnton,

Enquanto o historiador das ideias esboça a filiação do pensamento formal, de um filósofo para outro, o historiador etnográfico estuda a maneira como as pessoas comuns entendiam o mundo. Tenta descobrir sua cosmologia, mostrar como organizavam a realidade em suas mentes e a expressavam em seu comportamento. Não tenta transformar em filósofo o homem comum, mas ver como a vida comum exigia uma estratégia. Operando ao nível corriqueiro, as pessoas comuns aprendem a “se virar” – e podem ser tão inteligentes, à sua maneira, quanto os filósofos. (DARNTON, 1986. p. XIV).

Esta maneira de pensar a história e a biografia dos indivíduos pode dialogar com os ensinamentos de Bourdieu (1996a) quando este discorre sobre “a ilusão biográfica”. O autor afirma que não devemos pensar a noção de trajetória como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente” (BOURDIEU, 1996a, p. 81). A trajetória deve levar em conta a estrutura da rede na qual o indivíduo está inserido, buscando entender os acontecimentos biográficos como alocações e deslocamentos dentro do espaço social.

Percebo as obras literárias em questão como sendo uma forma de interpretação do social, transfigurando-se em uma “ação coletiva” (BECKER, 1977). Seguindo o proposto por Becker, vejo a arte como uma relação de interação simbólica entre a criatividade individual e o “capital social” (BOURDIEU, 1989) que o autor da obra de arte carrega devido a sua origem social. Becker, neste sentido, traz uma distinção em relação ao elaborado por Bourdieu, um dos primeiros autores a pensar a questão das artes na Sociologia. Bourdieu pensava que a propensão às artes seria resultado da socialização e do aprendizado, falando-nos do conceito de capital cultural.

Bourdieu é nesta pesquisa um autor-chave. Isso ocorreu devido aos diversos textos do autor sobre a questão da produção artística e, em especial, literária, na qual o autor faz uma fecunda análise da produção artística a partir do exemplo do escritor Gustav Flaubert. Segundo Bourdieu (1996b), é necessário compreender a gênese social do campo literário, assim como as crenças que o sustentam, os jogos de linguagem nela envolvidos, os interesses e as apostas (materiais ou simbólicas) que são engendradas neste processo. Esta busca de entendimento não é apenas uma forma de reduzir ou destruir a criação literária, outrossim é uma forma de olhar esta produção de frente e vê-la como é.

Uma das questões centrais para o autor é a solução do antagonismo indivíduo-sociedade, compreendendo que estão em constante diálogo e interação. Não existe um se sobrepondo ao outro. Outra questão relevante é a compreensão

da reprodução social: como a sociedade se mantém e se reproduz nas gerações? Como as estruturas sociais permanecem e mudam? Indaga-se ainda sobre a questão da dominação e da importância da ideologia para essa dominação, na manutenção do sistema de dominados-dominantes de que tanto fala em sua obra. O poder é sempre central em sua análise. Seus estudos versam sobre os mais diversos temas, entre eles cultura, sistemas de ensino, mídia, política, dominação masculina, etc. O autor também fez uma reflexão sobre a própria Sociologia enquanto ciência e sobre o trabalho do sociólogo (ORTIZ, 1983).

Segundo Ortiz (1983), há três aspectos centrais no pensamento de Bourdieu: a) o conhecimento praxiológico; b) a noção de habitus; c) o conceito de campo. Entretanto, é preciso ter cuidado ao trabalhar com tais conceitos, pois é necessário vê-los como possibilidades de pesquisa e de método e não como aplicação a qualquer pesquisa. É preciso entender o que cada conceito delimita e perceber o que permite ver.

Um dos conceitos formulados por Bourdieu e que tenho utilizado para refletir sobre a minha pesquisa é o conceito de campo. O campo (BOURDIEU, 1989; 1997) corresponde a uma delimitação do espaço social, uma configuração de relações socialmente distribuídas. Trata-se de uma reunião de pessoas que seguem leis próprias com certa autonomia em relação aos outros campos, sendo um sistema de forças baseado em relações de dominação e conflito: estabelece-se nele uma relação de conquista, uma busca pelo ganho de posições. É em função do quantum de capital e de sua composição variada (econômico, cultural, político, etc.) que os agentes se posicionam dentro dos campos.

O campo surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas. Através da distribuição das diversas formas de capital - no caso da cultura, o capital simbólico - os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam. O campo é uma delimitação do espaço social. É constituído pelas posições, e não propriamente pelos agentes.

É uma reunião de agentes que seguem leis próprias com certa autonomia em relação aos outros campos. Operam como um sistema de forças baseado nas relações de dominação e conflito: estabelece-se neles uma relação de conquista, uma busca pela conquista de posições e lugares. As relações existentes no interior de cada campo definem-se objetivamente, independentemente da consciência

humana. Na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições, que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva: o habitus. Desta forma, o habitus funciona como uma força conservadora no interior da ordem social.

A prática social, que Bourdieu denomina habitus, é o produto da relação dialética entre uma situação e um sistema de disposições duradouras e transferíveis de um agente social. Neste conceito, Bourdieu tenta capturar um sistema de disposições onde a integração de todas as experiências forma uma matriz de ação, percepção e racionalidade baseada na transferência de esquemas análogos e permite a realização de tarefas diferenciadas. Para Bourdieu, o habitus é um estímulo para a ação, mas um estímulo que só pode ocorrer dentro de um campo que desencadeia aquele estímulo, senão não daria certo. Para Bourdieu, o embricamento entre habitus e campo é como para Elias o de sociedade e indivíduo.

O habitus tende a conformar e a orientar a ação. Numa estrutura social, cada agente é produtor e reproduzidor de sentido, uma vez que suas ações são produto de um *modus operandi* do qual ele não possui domínio consciente. Essas ações sociais correspondem ao habitus dos agentes sociais que se materializam, estruturam e se encontram objetivamente estruturados no interior da sociedade.

Outro pensamento interessante de Bourdieu que tem me auxiliado na pesquisa é o conceito de dominação, mais especificamente a dominação masculina. Por dominação o autor afirma que esta não é uma simples relação de efeito direto exercida pela classe dominante, mas sim uma rede de limitações na qual dominantes e dominados estão imbricados. Neste sentido, o dominante é dominado pela estrutura do campo e o dominado colabora com a sua dominação através de sua afeição para com o dominador. Assim tem-se a violência simbólica, que é a dominação de uma classe ou grupo sobre outro (BOURDIEU, 1989).

Relacionado a essa dominação temos o poder simbólico, que surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. Nas palavras do próprio autor, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p.7-8).

Tais conceitos têm se constituído como ferramentas para pensar e compreender as trajetórias das escritoras no campo de possibilidade em que estão inseridas. Em minha análise de tais trajetórias, Bourdieu também auxilia a pensar a relação autor/obra, pois ele afirma que

só se pode adotar o ponto de vista do autor (ou de qualquer outro agente), e compreendê-lo – mas com uma compreensão muito diferente daquela que possui, na prática, aquele que ocupa realmente o ponto considerado -, com a condição de reapreender a situação do autor no espaço das posições constitutivas do campo literário (BOURDIEU, 1996b, p. 107-108).

Somente assim pode-se relativizar a ideia do artista como gênio e pensar a vida e obra do artista de acordo com o contexto no qual ele está inserido, visto que a etnografia do artista exige pensar a obra como fruto de uma época (BOURDIEU, 1996b). Esta reflexão sobre a contextualização da produção artística procura evitar uma análise idealista que vê as obras literárias pairando acima da sociedade como se a subjetividade do artista não tivesse conexões com o mundo e fosse aistórica (FACINA, 2004).

Não é possível estudar a trajetória de um autor sem pensar a sua relação com o contexto histórico de sua produção. É importante, porém, como nos mostra Suely Kofes (2001), entender que para fazer um estudo biográfico não é necessário conhecer toda a trajetória do sujeito em questão. O importante é fazer um estudo da relação entre a experiência social e a trajetória singular. O estudo deve tentar analisar a densa rede de relações que um indivíduo se envolve em sua trajetória, sendo necessário realizar um intercruzamento de narrativas (KOFES, 1994).

A ideias expostas por Kofes na sua obra *Uma trajetória, em narrativas* são ponto norteado desta pesquisa, pois segundo a autora não narrar a vida de alguém é um mecanismo de forçar o esquecimento social daquele indivíduo. Tal esquecimento é o que ocorre acerca das vidas de pessoas homossexuais, a não narração de tais trajetória, sejam em biografias, seja em literatura, é parte do esquecimento social das pessoas pertencentes a este grupo.

A internet e sua importância para a afirmação de identidades é outro ponto que norteia esta pesquisa. Assim, o mapeamento e a análise dos sites em questão são um instrumento fecundo de pesquisa. É importante neles perceber como ocorre a relação entre as escritoras e as leitoras, verificando-a, principalmente a partir dos comentários deixados por estas nos textos postados.

Os sites de compartilhamento de textos lésbicos, como o Xana In Box e o Livre Arbítrio, seriam, assim, uma forma de romper um isolamento social através da literatura mediada pela internet e de fazer surgir novas formas de representar a homossexualidade feminina para aquelas que participam destes grupos. Segundo Alonge (2007), indivíduos que se relacionam via internet fogem de um isolamento social, manifestando seus gostos e buscando afinidades em círculos de pessoas com gostos em comum. Estes círculos “permitem romper o sentimento de isolamento social, comum a todos aqueles que ainda estão à procura de si mesmos, e, portanto, à procura de seres semelhantes capazes de compreender-se e consolar-se mutuamente” (ALONGE, 2007, p. 15).

1.3 Divisão dos capítulos

O primeiro capítulo, intitulado *A escrita e seus contextos*, mostra como é o processo da escrita, mais especificamente o que se pode chamar o processo de formação de escritores e como este processo não se dá por acaso, mas sim permeado por questões relativas ao poder. A partir de dados já obtidos por outros pesquisadores, fez-se um apanhado teórico mostrando que a posição de escritor é uma posição privilegiada, em geral, a alguns grupos, o que faz de mulheres, negros, homossexuais, etc., grupos marginalizados dentro do cânone literário. Uma questão relevante a se pensar é: quais os mecanismos que estão por detrás dessa produção de escritores?

Mostra-se como a internet tem se transformado em um espaço de democratização da escrita, no rompimento de barreiras na produção literária brasileira. É importante ressaltar que podemos perceber estes espaços como uma forma moderna, ou reeditada, de jornais alternativos e de fanzines. Entretanto, ao que parece, os blogs vêm a ser um espaço que têm um maior alcance de público dada a velocidade e a disseminação via internet. Assim, expõe-se como está ocorrendo um embaralhamento entre as figuras do leitor e do autor, antes pensados como polos opostos, no qual um era receptor e os outros produtores.

O que se pode perceber agora é que produtores e leitores, na internet, são figuras em patamares mais igualitários, podendo o leitor, ao criar seu blog, tornar-se autor. Diante desta “nova” produção de textos literários mediados pela internet, explicita-se a especificidade no caso dos textos lésbicos. Está havendo um

movimento de ruptura do cânone literário com a produção de textos “de lésbica para lésbica” (“lesbian to lesbian” ou L2L). É este tipo de texto e de escritora que é o foco desta dissertação. Assim, mostra-se que há uma série de antecedentes que favoreceram um florescimento de um tipo de escrita feita exclusivamente por lésbicas e voltado para o público lésbico.

No segundo capítulo, *Escrever para si, escrever sobre si: escritoras lésbicas em (form)ação*, para pensar o atual momento de produção de textos lésbicos, estuda-se a trajetória de Karina Dias, a fim de mostrar como tem sido o percurso de formação de escritora voltada para o público lésbico. Foi traçada a sua trajetória de escrita e como ela passou do papel de exclusivamente leitora para o de leitora/escritora de textos lésbicos.

A partir de entrevistas concedidas pela escritora e da análise de textos nos quais ela fala sobre a sua própria escrita, fiz uma reflexão sobre a relação entre a escrita como processo subjetivo (de satisfação de si) e processo político (de conscientização do coletivo). Pude perceber que para ela a escrita é um imperativo subjetivo, uma necessidade íntima, mas que a publicação de textos em blogs e sites lésbicos e a transformação de si na figura de escritora lésbica é um processo coletivo, que envolve, por exemplo, o reconhecimento pelo grupo e uma tomada de posição que é a produção de textos com a imagem positiva de lésbicas.

No terceiro capítulo, *Obras em análise*, há uma análise de algumas obras da autora e mostra-se como elas estiveram inseridas, no contexto de sua produção, em um grupo de produção de textos lésbicos. A análise de tais obras é uma forma de expor as mudanças que estão ocorrendo na forma e no conteúdo da escrita lésbica na internet e em livros.

Foi feito um processo de mapeamento dos sites e blogs onde estes textos foram escritos. Tal processo tem sido necessário pelo fato de que muitos textos são postados em um site e repostados em outros por fãs das autoras. Houve neste trabalho um empecilho nessa catalogação: muitos dos sites onde os textos foram originalmente postados não estão mais no ar.

Optei por escolher três obras, dentre as mais de quinze obras de Dias publicadas na internet e em livros. A escolha de tais textos ocorreu a partir de uma divisão para melhor compreender a carreira da autora. Assim, são analisados três livros: um publicado na internet, um publicado pela Editora Malagueta e um publicado e impresso de forma independente.

Através dessa divisão e análise das obras, fez-se uma discussão sobre os textos que estão sendo publicados pelas escritoras lésbicas. A partir dos exemplos dos livros anteriormente analisados e de uma leitura de textos lésbicos em geral que se tem produzido no Brasil, percebeu-se a existência de uma “pedagogia de aceitação” como um elemento em comum em tais textos.

2 A ESCRITA E SEUS CONTEXTOS

“Apresentam-nos o texto eletrônico como uma revolução.
A história do livro já viu outras! ”

Jean Lebrun

2.1 Quem escreve?

Michael Foucault no texto “O que é o autor”, nos fala sobre a condição deste sujeito em nossa sociedade e suas funções. Um importante esclarecimento feito por Foucault nesta obra é quando ele mostra como se foi criando a figura do autor, passando-se de textos anônimos para textos nos quais eram expressos os nomes de quem escreveu.

Os textos que circulavam de forma apócrifa somente passaram a ter autoria quando começaram a ser envolvidos em questões penais. Ou seja, quando, de alguma forma, o texto cometia uma transgressão era necessário constatar o autor para puni-lo por tal infração. A função da autoria nasce, assim, como algo transgressor, um gesto cheio de riscos. E tais riscos não ocorriam de forma aleatória, tendo em vista que qualquer discurso, seja ele do cotidiano ou um discurso literário, é permeado por interesses, não tendo uma objetividade por si só (FOUCAULT, 2010a).

Trata-se de uma concepção semelhante à do crítico literário Roman Jakobson, que define a literatura como uma escrita na qual é representada “uma violência organizada contra a fala comum” (*apud* EAGLETON, 2006, p. 3). Pierre Bourdieu, por outro lado, defende que “a arte e o consumo artístico [estão] predispostos a preencher, quer se queira, quer não, quer se saiba ou não, uma função social de legitimação das diferenças sociais” (BOURDIEU, 1996c, p.47). No caso específico dos livros, Bellei pontua que este bem cultural, sendo uma forma de socialização, estabelece hierarquias sociais ao mesmo tempo em que atua na constituição de identidades individuais e coletivas daqueles indivíduos que leem uma obra (BELLEI, 2002).

As reflexões contidas na obra *A dominação Masculina* (BOURDIEU, 2002) nos mostram que a relação complexa entre masculino e feminino não pode ser

entendida apenas pelo estudo dos aspectos biológicos que os diferenciam. Existe, pois, um habitus sexual que é naturalizado, fazendo com que as diferenças sexuais sejam produzidas e produzam nos corpos e mentes dos indivíduos distinções de gênero.

Deve-se levar em conta que os estudos de gênero não versam somente sobre a relação entre feminino/masculino. Estes estudos enfocam também nos assuntos inerentes representações sociais de minorias sexuais, pois, segundo Saffiotte (1992), as experiências possuem características de gênero, não sendo as experiências vividas da mesma forma por homens e mulheres, por heterossexuais ou por minorias sexuais. Essa compreensão de gênero nos fornece uma análise semelhante à de Young (2000) quando nos fala do conceito de perspectiva social, segundo o qual indivíduos posicionados de forma diferente na sociedade vivenciam, conhecimentos e histórias diversas. Tal diversidade faz com que os modos de ver, entender, se situar nas relações cotidianas sejam diferentes a partir de cada perspectiva social.

Tereza de Lauretis (1994, 2003, 2007), analisando a representação de lésbicas, principalmente no cinema, expõe a relevância de representações socioculturais do imaginário social (cinema, literatura e mídias, etc.), que produzam acerca da diversidade e das especificidades de gênero (DE LAURETIS, 1987, p. 11 apud NAVARRO-SWAIN, 2002, p. 7).

Dado que a escrita e a publicação em livros é uma atividade privilegiada para certos grupos, também o que chamamos de cânone literário o é. Duarte (1997) expõe que existe uma barreira do cânone no tocante a representação de personagens que mostrem as vidas de minorias sociais diversas, focando em personagens que detêm um privilégio social. Porém, devido ao fato de as situações de privilégio mudarem no decorrer dos tempos, também o cânone se modifica. Segundo Soares, “as concepções de “cânone literário”, de “tradição da literatura nacional”, por exemplo, podem ser facilmente compreendidas como construtos, isto é, como o resultado de práticas que elegem em dado momento os critérios para definir o valor de uma obra.” (SOARES, 2014, p. 85).

Ocorre que a prática do discurso canônico não deixa claro essa temporalidade do mesmo. Pelo contrário, faz-se questão de afirmar o cânone como algo universal e atemporal. Além disso, como bem lembra Mazzoni (2010), o grupo de críticos literários envolvidos na perpetuação do cânone tem um lugar de poder

que somente viabilizam produções que cristalizam suas afirmações estéticas no tocante à literatura. Assim, são publicados periodicamente compêndios que são utilizados em universidades e escolas, visando a perpetuação de uma situação de privilégio para autores que possuem certos atributos estéticos e sociais.

Quanto aos atributos sociais, não se pode deixar de afirmar que a questão de gênero aqui é decisiva. No caso do Brasil, um grupo de pesquisadores da Universidade de Brasília, orientados por Regina Dalcastagnè, realizou uma pesquisa quantitativa acerca da produção literária brasileira entre os anos de 1990 e 2004. Tal pesquisa teve como foco todos os romances publicados pelas três principais editoras brasileiras (Companhia das Letras, Record e Rocco). O que se pôde perceber, entre outras coisas, foi que as mulheres não chegam a perfazer o total de 30% dos autores das obras produzidas durante estes quinze anos (DALCASTAGNÈ, 2005).

Porém, mesmo sendo a minoria na produção literária brasileira, cerca de 40% das protagonistas de romances brasileiros são mulheres, ou seja, há muitos homens escrevendo sobre protagonistas mulheres e, em especial, brancas. Dentre estas há também um recorte geracional, pois são representadas mulheres jovens (42,3%) ou adultas (50%). Além disso, quando se elencam características definidoras destas mulheres, quase sempre o foco é o seu corpo. Os dados nos mostram que os autores descrevem tais personagens quase sempre com os mesmos atributos ou qualificações: belas (42,3%), atraentes (50%) e, com apenas 34%, inteligentes.

Sabendo-se que o mercado editorial publica obras que visam agradar ao leitor previsto, a escolha de autores e de livros a serem publicados segue uma linha editorial muitas vezes baseada em dados mercadológicos de vendas. Assim, pode-se afirmar que as personagens mulheres possuem um tipo ideal condizente ao que se espera agradar ao leitor previsto por estas editoras.

Além disso, é preciso atentar para o fato de que estão obras buscam criar um efeito de realidade, pois os romances publicados nestes 15 anos são prioritariamente referenciais, visto que poucas obras têm como ambiente o passado. Na verdade, a grande maioria se passa no presente e nas cidades do sudeste brasileiro, buscando retratar uma realidade cotidiana destas cidades. Assim,

O efeito de realidade gerado pela familiaridade com que o leitor reconhece o

espaço da obra acaba por naturalizar a ausência ou a figuração estereotipada das mulheres, ou de diferentes grupos étnicos. Daí o descompasso, especialmente presente nas obras masculinas, entre a posição e o espaço que as mulheres vêm conquistando na sociedade brasileira e a sua representação literária. (DALCASTAGNÉ, 2007, p. 7)

Diante dos dados elencados, há uma relação na qual a mulher corresponde ao objeto descrito e o homem ao sujeito (d)escritor. Segundo Ina Schabert, tal relação mutilou a atividade literária das mulheres, fazendo a história da literatura como uma história masculina que discrimina e exclui a escrita feminina (SCHABERT, 1995, p.164 *apud* MACHADO). É preciso perceber que a função da fala e a função da escrita são detentoras do poder e perpetuam o mesmo nas mãos de determinados grupos. No caso da literatura, a linguagem é utilizada na perpetuação de ordens hierárquicas (ou canônicas) e o escritor torna-se figura chave na reafirmação de estereótipos sociais.

2.2 O caso da escrita lésbica no Brasil

De acordo com Franco de Andrade (2011), há traços de literatura homoerótica na obra *O Ateneu*, de Raul Pompéia, escrita em 1888. Após esta há outras obras que também mostram de forma velada tais relações, principalmente nas escolas Realista e Naturalista. A primeira obra a retratar uma cena de sexo entre duas mulheres é o livro *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, de 1890.

Porém, a obra que seria um divisor de águas no tocante a explicitar uma relação homossexual é o livro *O Bom Criolo*, de Adolfo Caminha, de 1895. De forma clara e explícita, Caminha retrata a relação amorosa e sexual entre dois homens, um branco e um negro, num ambiente militar.

Antes disso, havia alguns poucos poemas de Gregório de Matos que versavam sobre lésbicas na capitania da Bahia no século XVII. Em 1870 Joaquim Manuel de Macedo publicou *As Mulheres de Mantilha* obra na qual é exposto o amor entre duas mulheres, entretanto no decorrer da história descobre-se que na verdade era uma relação entre uma mulher e um homem que havia se travestido de mulher para escapa do serviço militar obrigatório. Já em 1936, José Lins do Rego publica o romance *Usina*, no qual é mostrado o romance entre uma prostituta e a dona de um prostíbulo. Entretanto, no Brasil, a primeira obra que tem como foco central o

relacionamento entre duas mulheres é publicada em 1948, trata-se do livro *A Volúpia do Pecado*, de Cassandra Rios.

Mesmo com o advento deste primeiro livro que de forma explícita tem protagonistas lésbicas, isso não se mostrou como um espaço aberto para o surgimento de novas autoras que ousassem versar sobre este assunto. Os textos que nas décadas seguinte versam sobre mulheres homossexuais, em geral, não as colocam como as protagonistas (a exceção das diversas obras de Cassandra Rios), nem as suas relações afetivas e sexuais como o centro do enredo, porém é importante ressaltar que diversas escritoras de renome brasileiro ousaram escrever sobre este tema, em obras como *Ciranda de pedra* (1954), *As Meninas* (1973) e *A Escolha* (1985), de Lygia Fagundes Telles.

Questões relativas às mulheres e protagonistas femininas foram apresentadas nas obras de autoras de destaque no Brasil na segunda metade do século XX, como Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Cassandra Rios e Clarice Lispector. Ainda que todas estas autoras fugissem do padrão feminino de mulher/esposa, por não terem filhos e/ou terem se separado, Cassandra Rios, foi a única que, além disso, era homossexual assumida.

Devemos lembrar que o Brasil deste período vivia sob a égide de uma ditadura civil-militar e que

A partir dos anos 1960, o bonito era a diferença. A ideia de igualdade universal era aos poucos substituída pela valorização da diferença, fosse ela de raça, faixa etária ou sexo. Efervesciam movimentos negros, feministas, homossexuais e até de universos menores, como as associações de bairro, que naquela ocasião ganhavam grande visibilidade (BURNS, 2009, p. 20)

Porém, mesmo com esta valorização da diversidade, ainda havia dificuldades para o movimento homossexual se firmar e as obras literárias de Cassandra Rios não eram vistas como parte deste movimento de afirmação identitária homossexual. A autora escreveu em um período em que os direitos da população LGBT ainda não estavam na pauta dos movimentos sociais brasileiros, que se centravam na busca por um direito básico: a liberdade ante a ditadura (MORALES, 2010).

Lésbica assumida, solteira e provocadora, Rios não parecia ser a pessoa que teria obras amplamente lidas no Brasil daquele tempo, mas foi o que ocorreu.

Ela passou por um processo de estigmatização (GOFFMAN, 1988) de sua legitimidade nos campos social e literário. Seu nome era motivo de censura certa e, em alguns casos, prévia. Por isso usou pseudônimos masculinos e estrangeiros; e com este artifício fez uma brincadeira com os censores, pois os pseudônimos eram a tradução de seu sobrenome, como: Rivers e Rivier. Muito lida na época da ditadura, Rios foi perseguida, censurada e hoje é praticamente esquecida.

As censuras aplicadas aos livros de Rios foram todas baseadas na moral e nos bons costumes, o que lhe rendeu apelidos como “A grande pornógrafa”, “A safo de Perdizes”, “Papisa da homossexualidade”. Segundo Santos, “a linguagem e a literatura de Cassandra Rios têm valor cultural e histórico de resistência, pois documentam histórias apagadas pelo sistema de repressão e censura da ditadura militar, e contestam o sistema hegemônico da heterossexualidade compulsória” (SANTOS, 2005, p. 180). Já Facco e Lima afirmam que os textos foram “escritos sob os tacões homofóbicos da rígida censura militar, do desprezo da militância de esquerda e da repressão da sociedade patriarcal brasileira”. (FACCO, LIMA, 2004, p. 2).

Em paralelo à produção literária de Cassandra Rios, havia também a produção de periódicos voltados para o público LGBT. Em sua maioria, tais revistas e jornais eram voltados para o público masculino, porém houve publicações destinadas ao público feminino, como a revista *Chana com Chana*, o jornal *Xerereca* e o *fanzine Um outro olhar*. Porém, tanto as publicações masculinas, quanto as femininas, sofriam dificuldades para serem vendidas em bancas e principalmente para obterem recursos oriundos de publicidade, o que dificultava que estas revistas tivessem um grande período de existência. Esta situação permanece até hoje e segundo Péret, “a instável trajetória das publicações voltadas para o público gay mostra que, em termos financeiros, elas ainda sofrem com o preconceito de anunciantes” (PÉRET, 2012, p. 95).

Diante dessa dificuldade na produção literária brasileira no tocante à representação de lésbicas, é interessante questionar sobre o local da fala da mulher na literatura brasileira atual. E as mulheres lésbicas, têm um lugar de fala nessa literatura brasileira de hoje em dia?

Regina Dalcastagnè no seu estudo *A personagem do romance brasileiro contemporâneo*, nos mostra que o campo de publicação de livros brasileiros é

restrito quanto a diversidade de perspectiva e de apresentação de personagens na representação de diversos grupos sociais. Para Dalcastagnè a literatura brasileira ainda é marcadamente branca, classe média e heterossexual. Além disso, os textos são fartamente centrados no eixo Rio-São Paulo e publicados em grandes editoras, o que dificulta ainda mais a pluralidade de representações sociais.

A pluralidade de perspectivas sociais nas quais os autores e autoras de livros estão inseridos claramente reflete em suas produções, pois “a forma diferenciada pela qual cada autor se sensibiliza e se comporta diante de um mesmo cenário, glosando um mesmo tema, testemunha uma mudança profunda de quadros mentais trazida em linguagem literária.”(SEVCENKO, 1983, p. 241).

Ocorre que esta mudança nos quadros mentais (e literário, especificamente) em relação às lésbicas tem ocorrido de forma lenta. Mesmo com o surgimento de personagens homossexuais em livros de consagradas escritoras brasileiras e mesmo com a vasta obra de Cassandra Rios, somente em 1999 foi publicado no Brasil um romance com protagonistas lésbicas no qual havia um final feliz. Trata-se da obra *Julieta e Julieta*, da jornalista Fátima Mesquita, publicado pelo sele Edições GLS, que hoje em dia não mais existe.

Mesmo que existam diversos obstáculos materiais e imateriais, com o advento de novas autoras estas estão buscando formas de burlar tais barreiras, como a internet, através de sites e blogs voltados para o público lésbico.

2.3 A escrita e os blogs

Oliveira (2002), em um estudo sobre os diários feitos de forma online, analisou os blogs como forma de revolução na de escrita de diários íntimos. As primeiras experiências de uma ferramenta gratuita de publicação foram o Pitas e o Blogger, no ano de 1999. Segundo Oliveira:

Quando muita gente se perguntava sobre o futuro dos diários online, em 1999 uma nova ferramenta foi criada, impulsionando com grande força o fenômeno dos diários pessoais na rede mundial de computadores. No mês de julho daquele ano, a empresa Pitas (www.pitas.com) criou o primeiro software grátis. Em agosto o americano Evan Williams, da empresa Pyra Labs, criou ferramenta semelhante, o Blogger, (www.blogger.com), que se transformaria no ícone de um conceito que revolucionaria a criação e a

postagem de páginas pessoais. (OLIVEIRA, 2002, 136)

Os blogs, porém, não permaneceram apenas como instrumentos de escrita pessoal, mas como um meio de divulgação de ideias coletivas e mesmo de publicidade para grupos específicos, com interesses específicos. Segundo Piva (2012) existem mais de 133 milhões de blogs, que são utilizados como meio de divulgação de ideias e venda de produtos, entre outras coisas.

Os blogs tornaram-se, assim, uma oportunidade para aquelas pessoas que desejavam ter seus textos lidos, mas não encontravam editoras interessadas. Além disso, formou-se um espaço de escrita livre, sob outros moldes, com uma linguagem específica, em geral rápida, com abreviaturas e gírias próprias. Rompem-se algumas barreiras daquilo que é lido e a própria forma de escrita é modificada. Tais espaços podem ser considerados como uma forma moderna, ou reeditada, de jornais alternativos e de fanzines, a exemplo do já citado caso do fanzine online CardosoOnLine (COL).

O que se pode perceber é que com a internet e os blogs vem ocorrendo um embaralhamento entre as figuras do leitor e do autor, antes pensados como polos opostos, no qual um era receptor e os outros produtores. Segundo Roger Chartier (2010), "as mutações do nosso tempo transformam, simultaneamente, os instrumentos da escrita, a técnica de sua reprodução e de sua disseminação e as maneiras de ler. Tal simultaneidade é inédita na história da humanidade" (CHARTIER, 2010).

A revolução que os blogs trouxeram ocorreu em diversos âmbitos, tanto no modo de produção da escrita, como no modo de reprodução (de livros impressos para a tela). Dessa forma, noções antes consideradas fixas como as de escritor, editor, distribuidor não são mais fixas, até porque, se analisarmos bem, tais funções são recentes na história do livro, frutos da época de industrialização do mesmo (CHARTIER, 1998).

A popularização de blogs tornou-se um importante instrumento de fortalecimento de grupos minoritários, como mulheres e homossexuais. No tocante aos escritores, a internet é uma forma de tornar-se conhecido nos meios de comunicação para, então, tentar ser publicado por editoras ou contratado por revistas ou jornais.

No caso das lésbicas, ocorre algo bastante semelhante: muitas autoras,

como Karina Dias, primeiro publicavam seus textos em sites como o Xana In Box e o Livre Arbítrio. Foi a partir da visibilidade nestes sites que a autora conseguia publicar seus livros posteriormente.

Estes sites são espaços não somente de publicação por parte das autoras, mas também de contato direto com as leitoras, numa troca de experiências pessoais e literárias. Nos sites, as leitoras comentam sobre a evolução das obras, que são publicadas em forma de capítulos com periodicidade de acordo com cada autora, como será mostrado no próximo capítulo.

3 ESCREVER PARA SI, ESCREVER SOBRE SI: A ESCRITA LÉSBICA EM (FORM)AÇÃO

“Na maioria dos casos, o ponto importante não é *como*, mas *para quem* se escreve. O problema é o destinatário, a legitimação. A partir do momento em que ele é resolvido, a máquina de escrever pode começar ou voltar a funcionar.”

Phelippe Lejeune

3.1 Karina Dias

Eliana Natividade Carlos, nascida no Rio de Janeiro em 09 de janeiro de 1979 e hoje residente em São Paulo, escreve na internet sob o pseudônimo Karina Dias desde o ano de 2007. A autora é jornalista formada pela Universidade São Judas Tadeu, hoje faz mestrado em Jornalismo Contemporâneo na Faculdade Cásper Líbero e também se dedica a publicação de seus livros.

A autora iniciou a publicação de seus textos na internet quando conheceu, por intermédio de sua amiga Betânia, o site lésbico XanInBox (XiB), hoje em dia desativado, mas que funcionou entre os anos de 2000 e 2009. O XiB fazia parte do GLSPlanet, um site pertencente ao portal Terra que agrupava diversos blogs que versavam sobre o universo homossexual.

Segundo Mallika De Lakme, do blog lésbico Bolacha Recheada, o XiB reunia

contos eróticos, contos românticos, contos verídicos, bobagens, fanfictions, histórias emocionantes e até mesmo grandes novelas, que dariam livros inteiros... Contudo, mais do que reunir essas histórias, o XiB hoje é palco para as discussões entre leitoras/autoras e para uma saudável troca de experiências. (SITE..., 2009)

Figura 01 – Perfil de Karina Dias no Site XanaInBox em Setembro de 2007 e acessado através do Archive.org

The screenshot shows the profile page for Karina Dias on the XanaInBox website. The page is accessed via Archive.org, with the URL <https://web.archive.org/web/20070903115448/http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/members.cgi?action=showprofile&login=krinadias>. The profile information is as follows:

Perfil de Karina Dias	
Nome:	Karina Dias
Email:	encdias@yahoo.com.br
ICQ Number:	desconhecido
Homepage URL:	desconhecida
Idade:	27
Interesses:	www.orkut.com/Profile.aspx?uid=14409410753045296289
Estórias da autora:	<ul style="list-style-type: none"> • De repente é amor • ***KARINA & CLEONICE*** • karina • Para Mariana Cortez

Fonte:

<https://web.archive.org/web/20070903115448/http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/members.cgi?action=showprofile&login=krinadias>

O XanaInBox era um site colaborativo de divulgação e leitura de textos lésbicos. Qualquer pessoa podia se cadastrar no site e criar um perfil, através do qual estava apta a publicar textos e a comentar as histórias já publicadas.

Em entrevista ao programa *As Brejeiras*, Eliana afirmou que escrevia textos com personagens lésbicas desde os quatorze anos, porém “escrevia e guardava, não mostrava para ninguém. Eram poucas as pessoas que tinham visto os meus escritos” (AS BREJEIRAS, 2011a). A sua relação com a escrita de textos ficcionais se iniciou quando ela cursava a quinta série, por influência de uma professora de Português que a obrigou a ler um livro todo. Antes disso, ela afirma que achava a leitura algo chato, porém a partir desta experiência não mais parou de ler e escrever textos. (PROGRAMA..., 2009).

Essa sua predileção pela escrita aumentou quando completou quinze anos e pediu de presente ao pai uma máquina de escrever, ao invés das tradicionais viagens ou festa de quinze anos. Segundo ela, tal pedido contrariou a sua mãe, que desejava ver a filha com aqueles clássicos vestidos de festa, porém o seu pai gostou

da ideia e lhe presenteou com a máquina de escrever. A partir de então, a autora afirma: “E eu comecei a andar com ela pendurada debaixo do braço. Para onde eu ia lá estava a máquina comigo. Aí eu comecei a escrever umas coisas, escrevia e guardava. Escrevia, guardava” (PROGRAMA..., 2009). Tal paixão pela escrita fez com que aos dezenove anos ela escrevesse um romance com temática lésbica. Sobre esta história, a autora afirma “nunca mostrei para ninguém. Na verdade, eu mostrei só para uma amiga minha, uma amiga de muitos anos. Ela falou ‘tá bacana essa história, tenta levar isso para frente’. Mas eu deixei isso para lá” (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Ocorre que esta sua atividade da escrita, mesmo com o apoio do seu pai, era uma atividade, em certo sentido, solitária, pois a autora não mostrava seus textos para as pessoas, ficando apenas para si, pelo prazer de escrever. Sobre a atividade da escrita, Lejeune (2014) afirma:

Escrever, creio eu, não é apenas um exercício mecânico, um saber construir – isso, o hábito de leitura permite a quase todos nos fazer mais ou menos bem -, escrever é, sobretudo, ter a sua própria voz, o seu estilo, sua identidade. (...) Existe um parentesco entre o ato de escrever e a experiência de se soltar. (LEJEUNE, 2014, p. 234)

No tocante a vida de homossexuais, Didier Eribon (2008) afirma que “as vidas gays são frequentemente vidas diferenciadas; só começam quando um indivíduo reinventa a si mesmo, ao sair do seu silêncio, de sua clandestinidade vergonhosa” (ERIBON, 2008, p. 44). Creio que “se soltar” no sentido atribuído por Lejeune, para os textos lésbicos e, especificamente, para a autora em questão, é uma atividade de refletir sobre a sua sexualidade, sobre a sua afetividade e sobre como ela é pouco representada na literatura em nossa sociedade.

Sobre o ato da escrita de textos por mulheres e o fato de muitos destes serem guardados e, em certo sentido, invisibilizados ou secretos, Cixous tece algumas considerações sobre o pensamento que leva tais mulheres a fazer isso. Segundo a autora, há um pensamento, em certo sentido bobo, que faz as mulheres terem vergonha de sua escrita:

Besides, you've written a little, but in secret. **And it wasn't good, because it was in secret, and because you punished yourself for writing, because you didn't go all the way, or because you wrote, irresistibly, as when we would masturbate in secret, not to go further, but to attenuate the tension a bit, just enough to take the edge off.** And then as soon as we

come, we go and make ourselves feel guilty-so as to be forgiven; or to forget, to bury it until the next time. (CIXOUS, 1976, p. 876-877, grifos nossos)

Cixous chama as mulheres para a escrita, defendendo: “Write yourself. Your body must be heard.” (CIXOUS, 1976, p. 880). Esta escrita do corpo feminino seria, pois, uma forma de contrapor o discurso centrado na figura do masculino e de repassar suas experiências sociais para outras mulheres.

Porém Virginia Woolf no clássico texto *Um teto todo seu* nos mostra sobre a dificuldade de produção literária por parte das mulheres. Uma dificuldade do ponto de vista material, pois para que a mulher escreva ela necessita de privacidade, o que somente existe para aquelas que detêm alguma autonomia econômica ante aos homens ao seu redor. Segundo Woolf,

A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não apenas nos últimos duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres têm tido menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não têm tido a menor oportunidade de escrever poesia. Foi por isso que coloquei tanta ênfase no dinheiro e num quarto próprio. (WOOLF, 1994, p. 131-132)

A internet e a quebra de barreiras para a comunicação que ela trouxe está sendo um meio de atenuar esta dependência material para a produção da escrita. Apesar de ser necessário um computador para publicar na internet, este é um bem que está disseminado amplamente em nossa sociedade, seja em casa, escolas, trabalho ou lanhouses. Além disso, há um amplo acesso a sites através de celulares, que também são utilizados para a produção de textos, principalmente curtos, como no caso do Twitter.

No caso de Eliana, o ato antes solitário de escrita deixou de ser solitário e passou a ser partilhado, quando, no final de 2006, ela acessou o XiB. Ao entrar em contato com este site, ela, que já vinha escrevendo textos lésbicos em sua máquina de escrever desde os quinze anos, passou a ler os textos lésbicos nele contidos. No primeiro contato com o site, Eliana apenas lia os textos, porém, ela afirma “quando eu encontrei esse site, aí eu comecei a pensar na possibilidade de postar as minhas histórias, mas eu não poste aquela que eu tinha escrito lá atrás, poste uma nova. Aí eu escrevia no próprio site e postava, era um capítulo por dia. Achei que ninguém ia ler” (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Quando, no início de 2007, ela resolveu começar a publicar no XiB foi necessário criar para si um login de acesso ao site. Como ela já havia percebido que este login podia ser um nome inventado ou um apelido, resolveu criar para si um pseudônimo, não para esconder a sua identidade, mas por poder modificar o seu nome de batismo, que não a agradava. Nascia aí a escritora Karina Dias.

Sobre a importância do uso de pseudônimos no contexto de produção da escrita na internet, Schittine (2004) afirma que

A maneira que muitos diaristas virtuais encontraram de aumentar a intimidade com o leitor e de se preservar ao mesmo tempo é o uso do pseudônimo. Na rede, é comum que o pseudônimo seja uma espécie de apelido, uma redução do nome ou apenas o uso de iniciais, o que serve para destacar uma das facetas do eu (...) O pseudônimo não deixa de ser um segundo nome para o mesmo autor. (SCHITTINE, 2004, p. 105)

Quando questionada sobre a formação deste seu “segundo nome”, ela afirma não o ter feito por medo de sofrer preconceitos seja na família, seja na sociedade. A autora reafirma isso dizendo que aos dezessete anos foi surpreendida por seu pai beijando uma namorada, ocasião em que assumiu a sua homossexualidade e foi bem aceita por amigos e familiares, não sofrendo grandes preconceitos por causa deste aspecto de sua vida. Segundo ela

É engraçado, né, assim, algumas pessoas até falam ‘ela adotou um pseudônimo porque ela tinha medo do preconceito’, uma coisa desse tipo. Mas, não, minha explicação é bem mais simples: Karina, porque é um nome que eu gosto muito, e Dias, porque um dia eu estava assistindo um programa, o Globo Esporte, e aí estava passando uma reportagem sobre o Vasco, que é o time que eu torço, Vasco da Gama. Aí tinha um jogador que se chamava Alex Dias e eu já tinha escrito o primeiro capítulo para eu postar num site do Terra, que foi o primeiro site que eu vi na minha vida de literatura lésbica. Aí eu vi que poxa, aqui a gente pode usar o nome que quer. Aí eu fiz esse login para me cadastrar e começar a postar as histórias com esse nome. Eu não precisava usar o nome que eu não gostava que é Eliana. Eu não gosto, mamãe podia ter sido mais generosa. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Entre os anos de 2007 e 2012, Karina Dias publicou mais de dez textos com temática lésbica na internet (Ver lista de textos no Apêndice 01) e logo se transformou na escritora mais comentada do Xana In Box e, com o fim deste em 2009, passou a publicar e a fazer sucesso também no site Livre Arbítrio. Suas histórias chamavam atenção pelo conteúdo e também pela quantidade e periodicidade nas publicações. Segundo as gestoras do site, Karina foi a primeira

escritora a publicar histórias diárias nele, o que demandava muito tempo da autora, que à época era dona de uma locadora de vídeos no Rio de Janeiro.

O fato de estar constantemente em uma locadora de vídeos fez com que a autora gostasse muito de assistir filmes românticos, o que ela admite e pode ser constatado quando se percebe os títulos de seus textos. Todos os títulos de seus livros são nomes de filmes, como De repente amor, Quando o amor acontece, Simplesmente irresistível, No ritmo do amor, etc. Somente sua última obra As rosas e a revolução não possui o mesmo título que um filme, pois este título foi escolhido pela esposa da autora que sempre a acompanha e incentiva no seu trabalho de escrita.

Esse sucesso na produção de textos no site começou a render frutos logo no ano de 2008, quando houve uma enquete no site lésbico Bolacha Recheada em que se perguntava quais foram os melhores contos publicados no XiB no ano de 2007. A história No ritmo do amor foi a campeã na votação, o que deu visibilidade ainda maior para a autora nos meios de divulgação da cultura lésbica (SITE..., 2009). Tal fato pode ser confirmado pela fala de Laura Bacellar, uma das donas da Editora Brejeira Malagueta, que quando questionada sobre a publicação do texto No ritmo do amor, publicado pela editora com o nome de Aquele dia junto ao mar em 2009, nos fala sobre essa votação na internet:

- Hoje vocês pedem que os originais enviados sejam de livros não publicados na internet, entretanto, o livro "Aquele dia junto ao mar" foi publicado primeiramente na internet e foi modificado para depois ser publicado por vocês. Qual é a relação de vocês com essas autoras que publicam em blogs?

A gente prefere um original inédito, mas consideramos algo já publicado online se houver qualidade e tiver gerado muito interesse. Foi o caso de Aquele dia junto ao mar, que foi votado o texto mais querido das leitoras no ano de 2008 num site imenso, com milhares de postagens. Uma indicação como essa é valiosa para nós, já que demonstra o gosto de muitas leitoras. Em princípio queremos criar uma sinergia com os sites literários para lésbicas, mas os meios são um pouco diferentes e nem tudo o que cai na rede serve para o papel. A internet não é crítica e suporta muita porcaria. Nosso trabalho é triar o que merece ficar impresso por anos e anos. (HOLANDA, 2012, grifos nossos)

Mesmo que desde nova tenha começado a escrever histórias de amor lésbico, Karina Dias afirma que antes de passar a ler e publicar no XiB nunca tinha lido nada do tipo. Percebendo-se lésbica, ela sempre lia romances heterossexuais e pensava em uma mudança de personagens, reescrevendo as histórias em sua

mente como se os casais fossem formados por duas mulheres. Segundo ela, os livros que conhecia eram livros gostosos de ler, mas não a representavam, o que a incomodava:

Então, eu não tinha lido... Antes de escrever literatura lésbica eu não tinha lido nada do gênero. E é curioso, toda vez que eu lia um romance eu sempre, na minha cabeça, tentava trocar o personagem masculino por outra personagem feminina e aí eu achava aqueles romances lindos, maravilhosos, mas eu não, era gostoso de ler, mas ao mesmo tempo não me representava. E um dia uma amiga me apresentou esse site do Terra, que foi eu comecei a escrever, e eu fiquei maravilhada, porque eu nunca tinha lido nada a respeito, foi a primeira vez que eu tive contato com a literatura lésbica foi através desse site. E eu fiz meu pseudônimo, fiz meu login e comecei a escrever lá. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Foi este incômodo com o fato de não se sentir representada nos livros que lia e o gosto pela leitura e por filmes românticos que fizeram com que ela começasse a escrever histórias de amor entre mulheres, para si. Nas palavras da própria autora, ela diz “eu sempre quis ler uma história de amor entre duas mulheres, porque eu amo mulheres, eu me relaciono com mulheres (...) eu sempre quis ler essas histórias e não tinha. Poxa, sacanagem. Não tem, então, eu vou produzir, então vai ter!” (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Este inconformismo como ato produtor de textos literários já foi debatido nos campos das ciências humanas, como no exemplo da importante obra de Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão*. Uma das conclusões a que chega o autor é que

Outros efeitos decorrem ainda desse poder alegórico da literatura. Todo discurso criativo assinala um ato fundador, na medida em que nomeia situação e elementos imprevistos, conferindo-lhes existência e lançando-os na luta por um espaço e uma posição, no interior das hierarquias que encerram as palavras encarregadas de dizer o mundo conhecido e compreendido. Produzir literatura criativa é por isso um gesto de inconformismo. (SEVCENKO, 1983, p. 247)

O início de sua missão enquanto escritora na internet ocorreu com a escrita e publicação diária do romance *De repente é amor*. Mesmo já tendo antes escrito um texto lésbico, a autora optou por publicar no site um texto novo. O seu primeiro texto escrito foi posteriormente publicado no site quando a autora já era conhecida nos sites de literatura lésbica sob o título *Quando o amor acontece*.

De repente é amor é uma história que inicialmente teria apenas três capítulos, mas dado o imediato retorno das leitoras através do site e de e-mails, a autora prolongou a história, que foi publicada ao longo de mais de um mês,

diariamente. Foi a partir da repercussão da história com as leitoras que Karina Dias passou a perceber a importância de escrever textos com personagens lésbicas e que não passassem uma imagem negativa da homossexualidade, e sim que houvesse um reconhecimento das lésbicas enquanto cidadãs normais.

Iniciou-se, assim, um estreito contato com as suas leitoras através do seu e-mail. A partir desta interação virtual com as leitoras, a autora pôde perceber que por ela não sofrer preconceito no ambiente familiar por ser lésbica, isso não quer dizer que outras mulheres não sofram. Tal percepção a fez entender que seus textos, algo tão pessoal, poderiam se transformar em instrumento de militância, ao mostrar para mulheres que é normal ser homossexual.

Isso a fez perceber que realmente precisava escrever sobre a realidade de mulheres que amam mulheres, mostrando que elas podem ser felizes, ser normais como qualquer outra pessoa. Daí o carinho tão grande que a autora tem por este seu primeiro texto publicado na internet, pois foi a partir dele que ela passou a perceber a sua literatura como uma literatura de militância. Segundo ela,

as leitoras começaram a me mandar um monte de e-mails e os e-mails, eles vinham carregados de desabafo, sabe. A maioria delas não aceitava a sua sexualidade e falavam “poxa a sua personagem é tão, ela se afirma homossexual, ela não tem vergonha disso. Ela corre atrás dos objetivos dela. O problema dela não é ser homossexual. Ela tem problemas de tirar, notas baixas, qualquer coisa, mas não é necessariamente ser homossexual.” E esses e-mails me deram, a partir desses e-mails eu comecei a pensar “poxa, eu não enfrento preconceito e, talvez, eu escrevendo, escrever é a minha paixão, eu acho que eu não conseguiria viver sem escrever. Então, se eu posso, com uma caneta e um papel na mão, de repente, apresentar para essas pessoas um mundo normal, de mulheres que amam outras mulheres, mas que sofrem, que choram, que trabalham, que riem, que fazem tudo que todo mundo faz, a única diferença delas é que na hora de dormir elas dormem com uma pessoa do mesmo sexo. (PROGRAMA... , 2009)

Tzvetan Todorov nos fala dessa importância da literatura como forma de reconhecimento de si. Para o autor, a literatura estende as mãos para aqueles que estão deprimidos, assim como nos torna mais próximos daqueles que nos cercam, ajudando a compreender o mundo e a nele melhor viver. Todorov afirma sobre a literatura: “não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode, também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.” (TODOROV, 2009, p. 76-77)

Este contato com as leitoras e as mudanças que a literatura trouxe para a

vida de Dias foram tão importantes que ela chegou inclusive a conhecer a sua esposa através do XIB. Foi este casamento que fez com que a autora se mudasse no ano de 2008 para a cidade de São Paulo, onde reside até hoje.

Além deste projeto de fazer com que seus textos sejam uma forma de reconhecimento por parte das lésbicas, há também uma preocupação por parte da autora de que sua obra seja absorvida por pessoas heterossexuais. Com isso ela busca que tais pessoas percebam a naturalidade dos relacionamentos lésbicos e possam entendê-los como uma forma comum de amor.

Esta tentativa, segundo diz a autora, tem se efetivado, pois parte de seus leitores que enviam e-mails não são mulheres homossexuais. Há também heterossexuais. Segundo ela, a sua literatura

É uma literatura de militância, na verdade eu procuro colocar sempre nas minhas histórias o cotidiano de, das mulheres que amam outras mulheres e pronto. É que tudo que a gente escreve é político, não tem como a gente fugir da política, nesse momento que a gente está conversando a gente está fazendo política. Não tem como a gente não estar fazendo política. Então, assim, eu trabalho nas minhas histórias para diminuir o preconceito. Eu tenho muito leitores que são heterossexuais também e quando eles leem as minhas histórias falam “é igual a minha vida, só muda um detalhe: com quem a pessoa dorme, com quem ela se relaciona sexualmente”. (...). Para acabar, para acabar é difícil acabar com alguma coisa, mas para diminuir o preconceito. Eu acho que é esse tipo de militância da literatura lésbica. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Vange Leonel, cantora, jornalista e escritora, foi um exemplo de como textos voltados para o público lésbico podem ser lidos por outros públicos e em grandes meios de comunicação. Leonel colaborou com colunas de tema lésbico para as revistas masculinas *Sui Generis* e *G Magazine*, para o jornal *Folha de S. Paulo* e para o portal *LGBT Mix Brasil*. Segundo a autora, esse interesse de outros públicos por seus textos se deu porque ela descobriu que:

Podia escrever colunas sobre homossexualidade, adicionando lirismo, humor, sem ser militante, pedante ou chata. A recepção que tive foi ótima. Acredito que a vida como lésbica fora do armário me ensinou a tratar o assunto de maneira firme, mas sem ser grossa, o que faz com que minhas colunas e textos sejam bastante apreciados por heterossexuais também. Nunca gostei de retratar gays como vítimas, nem me interessa cavar um fosso intransponível entre héteros e homossexuais. (PÉRET, 2012, p. 79)

Diante do sucesso no XIB, Karina Dias passou também a publicar seus textos em uma comunidade do Orkut chamada *Histórias e Desabafos*, na qual se

reuniam leitoras e escritoras de textos lésbicos. A postagem de textos no Orkut passou a ser quase simultaneamente que no site. Hoje em dia, mesmo com o Orkut desativado, os textos ainda permanecem na comunidade, exceto a história No ritmo do amor, que foi publicada em versão impressa com o título Aquele dia Junto ao mar. Isso ocorreu por questões relativas à venda de direitos de reprodução para a Editora Malagueta, que publicou a história.

Figura 02 – Comunidade Histórias e Desabafos (Orkut)



The screenshot shows the Orkut community page for "Histórias e Desabafos". The page header includes the URL "orkut.google.com/c16369217.html". The community name "Histórias e Desabafos" is prominently displayed. Below the name, there is a profile picture of a person's hands holding each other, with the community name overlaid. To the right of the profile picture, the community details are listed: "idioma: Português (Brasil)", "categoria: Gays, Lésbicas e Bi", "tipo: público", "criada em: 3 de julho de 2006", "local: Brasil", and "privacidade: público". A description of the community follows: "Comunidade destinada ao amor entre meninas. Histórias, desabafos, poesias ou qualquer assunto relacionado ao tema serão bem vindos." Below this, there are "Regras" (rules) in red text, stating that a portion of the Copyright Law applies, with a link to the rules page. A partnership with the blog "FANSHAS!" is mentioned, along with the URL "www.fanshas.blogspot.com". At the bottom, a quote by John Lennon is displayed: "Vivemos num mundo em que temos que nos esconder para fazer amor, enquanto a violência é feita aos olhos de todos." The left sidebar contains navigation links for "comunidade", "fórum", and "denunciar abuso".

Fonte: orkut.google.com/c16369217.html

Antes da publicação da obra na forma impressa, Karina Dias buscou retirar completamente esta história da internet. Entretanto, mesmo com a retirada da história do blog, eu tive acesso ao texto, através de uma versão salva no Word por uma fã e disponibilizada no site 4Shared.

Segundo o que me disse a autora em entrevista, os seus textos somente foram publicados por ela no site XanalnBox, na comunidade Histórias e Desabafos no Orkut e nos Sites Livre Arbítrio, Fator X e ABCLes. Entretanto, diversos textos dela podem ser encontrados em outros sites, assim como nas comunidades de seus fãs no Orkut e na rede social exclusivamente lésbica Leskut. Isso ocorre porque fãs copiavam suas histórias e divulgavam em outros sites lésbicos, fazendo com que a autora nem saiba ao certo em quais sites suas histórias estão publicadas hoje em

dia.

Figura 03 – Comunidade de fãs no Leskut



Fonte: paradalesbica.ning.com/group/historiasdakarinadias/

Em geral, tais fãs informam de quem é a autoria do texto. Porém já houve casos de plágio de textos lésbicos publicados na internet. Por exemplo, Dias teve um texto seu republicado em outro site lésbico e com o nome das personagens trocados, assim como outra pessoa assumiu a autoria do texto. Logo que o plágio foi descoberto, os responsáveis pelo site foram informados e retiraram o texto do ar, pedindo também desculpas para a autora. Já a pessoa que publicou o texto como sendo seu também pediu desculpas pelo ocorrido e disse que não sabia se tratar de plágio. Por isso a autora, assim como diversas outras autoras que estão publicando na internet, depositam cópias de seus textos no Escritório de Direitos Autorais (EDA) da Biblioteca Nacional.

Depois da publicação de seu primeiro livro impresso em 2009, Dias participou no ano de 2011 da primeira coletânea de textos lésbicos da América Latina. Trata-se do livro *Voces para Lilith*, no qual foi publicado o seu conto *Al*

encuentro del amor. Em 2012, a autora novamente volta a publicar um romance impresso pela Editora Brejeira Malagueta com o título Diário de uma garota atrevida. Essa obra, segundo informado pela esposa da autora quando conversamos em São Paulo, é o início de uma trilogia contando a vida de uma mulher lésbica, desde a sua descoberta enquanto homossexual até a vida adulta.

O ano de 2014 foi para a autora muito importante em termos profissionais, pois ela saiu de seu emprego como jornalista para se dedicar ao mestrado em Jornalismo Contemporâneo e a divulgação e venda de seu terceiro romance impresso, As rosas e a revolução. Esta obra foi lançada de forma independente e está sendo comercializadas prioritariamente pelo novo site da autora.

Figura 04 – Site pessoal de Karina Dias



Fonte: www.karinadias.com.br

Nos meses de abril e maio de 2014, esta obra teve dois lançamentos, um em São Paulo, no dia 24 de abril, na Livraria Blooks, no Shopping Frei Caneca, e no Rio de Janeiro, no dia 02 de maio, na Livraria Cultura. A tiragem inicial desta obra foi de mil exemplares, e a autora faz questão de fazer uma dedicatória para cada fã que o está comprando em seu site. Segundo ela, com o dinheiro arrecadado com a venda de tais livros ela pretende financiar a publicação de outras histórias suas, como as que já foram publicadas na internet.

Ainda no mês de maio de 2014, houve o lançamento da segunda coletânea de textos LGBTs em que Karina Dias foi selecionada. Trata-se da obra *Orgias Literárias da Tribo*, que foi lançada em um stand no espaço da Feira Cultural LGBT, evento que compõe a Parada da Diversidade Sexual de São Paulo e do qual participei. Assim, quando estive em São Paulo para entrevistar a autora, pude também visualizar alguns momentos de contato pessoal entre a autora e suas fãs.

Figura 05 – Lançamento da coletânea de textos *Orgias Literárias da Tribo*



Fonte: <http://orgiasliterariasdatribo.com/>

Comparando seus textos de hoje em dia com os que produzia à época da escrita diária em blogs, Karina Dias me disse que hoje se preocupa mais com a ortografia. Antes ela somente pensava na mensagem que estava passando, pois na internet as pessoas entendem a mensagem independente da linguagem escrita formal, haja vista que há uma escrita informal e mais rápida em uso na internet. O que faz com que as pessoas entendam a mensagem mesmo que contenha muitas abreviações ou erros de grafia ou de ortografia. Além disso, a autora tinha dificuldades de manusear as ferramentas da internet:

Eu assim, naquela época, eu nem sabia direito mexer na internet. Eu ainda usava a minha máquina de escrever, para você ter uma ideia. Aí eu comecei a escrever direito, eu não passava no Word porque, porque eu achava que eu não ia conseguir copiar e colar, também nunca tentei. Burrice mesmo. E eu achava bacana aquele negócio de não reler a história, porque eu não reli nenhum destes capítulos que eu postei.

É, agora eu estou relendo e, assim, assustadíssima. Eu vou rever um monte de coisa. Mas eu não relia porque eu achava que se eu relesse eu, uma coisa meio louca, né, eu ia mudar. Toda vez que eu releio uma história eu mudo. Então, a minha intenção era deixar a primeira ideia. Então, todas essas histórias que foram pra internet elas não têm nenhuma alteração, foi a primeira ideia. Por isso que elas não foram reescritas. Então, assim, foi a primeira ideia, eu estava pensando, digitando e cliquei em postar. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Desde 2012, a autora não coloca mais textos novos na internet. Quando questionada sobre isso, ela afirmou que pretende continuar publicando na internet, porém no site, fazendo uma divisão entre os textos que serão para internet e aqueles que serão impressos. Ela pretende fazer histórias mais curtas para a internet e histórias densas para livros.

Na sua escrita atual, a autora diz que tem mais preocupação com a pesquisa, além da ortografia. Seu último livro foi fruto de uma pesquisa de seis anos. Esta pesquisa se iniciou quando ela, na condição de estudante de graduação em Jornalismo, foi bolsista de um projeto que estudava a relação da mídia com a Ditadura Militar no Brasil. Ela foi bolsista Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), tendo escrito uma monografia sobre o tema e está atualmente pesquisando para a dissertação sobre a relação entre Mídia e Ditadura.

Mesmo estando hoje em dia voltada para a publicação de seus livros, quando questionada sobre o fato de ser uma escritora profissional, Dias afirma que não o é. Ao perguntar sobre o seu trabalho de escrever, Dias me informou que não se considera escritora, visto que a escrita para ela é algo pessoal e político, dada a importância que tem para a vida das leitoras e para a sua própria vida. Nas palavras de Dias:

Não, de forma nenhuma. Nem hoje eu me vejo como escritora profissional. Não. Amadora, sempre aprendendo. Eu sou jornalista. Escritora é amadora mesmo. Não sei. Não sei se um dia eu vou ser uma escritora profissional. É, é difícil. É porque escrever para mim é um hobby, não é um trabalho, assim, não é trabalhoso, é uma coisa muito prazerosa, é uma coisa que me dá muita, muita, alegria. Eu me emociono quando eu escrevo, então, isso não tem preço. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Além disso, ela afirma saber que não vai viver da literatura, pois o autor ganha somente 10% do que é vendido do livro e seu livro mais vendido pela Editora Malagueta teve três tiragens, cada uma de mil exemplares.

Interessante é fazer uma reflexão sobre o que é ser autor para esta escritora. Nas falas de Karina Dias fica claro que ela não se considera como tal, por não ter a escrita como única profissão. Então, diante disto, é preciso entender o que significa simbólica e politicamente em sua trajetória o fato de ser lida pelo público para o qual elas estão voltadas.

Pode-se perceber no seu discurso que a escrita é um imperativo, uma necessidade. O que não retira o aspecto coletivo de tais textos, pois se pode teorizar que a “necessidade” de escrever textos lésbicos é fruto da percepção da inexistência de tais personagens em livros.

É importante entender como tem ocorrido um processo de fomento de uma escrita pessoal e política na qual a internet é um meio de romper as barreiras, antes tão rígidas, entre produção e consumo de textos literários. Pode-se perceber que, nestes anos de crescimento do acesso a internet e de produção escrita em blogs, a escrita tem se modificado, assim como a própria lógica do mercado editorial, que envolve, entre outros, leitores escritores e editores.

Segundo Colonna (2014) há atualmente duas concepções de narrador, pois

o leitor pode escolher, hoje, entre duas concepções concorrentes de narrador: uma concepção segregacionista – advinda da narratologia – a que dissocia autor de narrador –, que tende a se tornar mais sutil, mas continua sendo um dogma teórico; e uma concepção assimiladora, muito mais antiga, considerada como “científica” até os anos de 1960, que faz as duas instâncias se cruzarem (mas sem se confundirem) e que perdura junto ao público (COLONNA, 2014, p. 64)

Nesta pesquisa parto da segunda concepção, por perceber na formação das escritoras lésbicas advindas da internet uma forte relação com o seu público antes, durante e depois da escrita do texto. Relação esta que algumas vezes, como afirmou Karina Dias, mudou o seu texto e contexto de personagens. Nas palavras da autora:

eu já reescrevi um capítulo inteiro porque uma leitora minha falou “olha no capítulo anterior faltou alguma coisa”. Ela sentiu e falou ‘faltou, não ficou tão bom’. Isso foi uma história na internet, né, e eu peguei o capítulo que eu tinha acabado de escrever, deletei e reescrevi todo. Para você ver o poder

que as internautas têm na minha vida. Eu reescrevo, eu gosto de homenagear nas minhas histórias, as vezes eu cito o nome de alguma, coloco o nome de uma personagem com o nome de uma leitora. Elas me tratam com tanto carinho, por que eu não posso retribuir esse carinho dessa forma? Então eu adoro... (AS BREJEIRAS, 2011b)

Pode-se perceber que o grupo de escritoras do qual Karina Dias faz parte tem em sua trajetória de escrita aspectos em comum. Ela se inicia com a leitura de textos, a percepção da ausência de textos lésbicos, a produção de textos lésbicos para si (guardada), a descoberta de espaços virtuais de literatura/escrita de textos lésbicos, a leitura e a escrita de textos nestes sites e blogs e, por fim e para algumas, a publicação de textos em forma impressa.

Cabe ressaltar que tal publicação não ocorre somente através de selos específicos (como os extintos Edições GLS e Alethéia) ou das Editoras Brejeira Malagueta e Divers@. Há autoras que publicam por si mesmas com recursos próprios e há aquelas que também publicam com auxílio de editais ou ações de fomento à cultura, como os das Prefeituras de Blumenau, Fortaleza e São Paulo, que publicaram as obras *Boleros de papel*, *Fortaleza de todos os amores* e *Orgias literárias da tribo*, respectivamente, todas elas de autores assumidamente homossexuais e com conteúdo voltado para o público LGBT.

3.2 Escrever uma história:

Depois de entrar de fato na trajetória da escritora Karina Dias em seus mais diversos aspectos, optei por fazer uma análise do que ela diz sobre o seu processo de criação literária. Para tanto, aqui irei fazer uma análise de um texto publicado pela autora em seu site no qual ela versa sobre o seu processo de escrita e incentiva outras mulheres a também escreverem.

Os textos que compõem este corpus de análise são *Escrever uma história*, assim como as apresentações da autora contidas em seus livros impressos pela Editora Brejeira Malagueta e no site da mesma (Ver texto completo no Anexo 01).

Manoel Salgado Guimarães, no artigo *História e Narrativa: historicizando um debate*, versa sobre a narrativa e seu contexto. O autor defende que a narração tem uma história, visto que a “a narrativa de experiência está diretamente ligada ao

ato e à possibilidade de narrar, esta narração tem história, pois difere ao longo do tempo quanto às condições que a engendram e os dispositivos acionados para que ela exista” (GUIMARÃES, 2008, p. 13-14). Tais narrativas são historicizadas devido ao fato de serem produzidas segundo as condições socioculturais de seu tempo.

A narrativa, segundo o autor, é capaz de tornar o contingente em algo a ser lembrado e partilhado, podendo vir a constituir-se como memória cultural. A narrativa decodificada através da escrita faz com que o ato de narrar experiências seja um ato de tradução, pondo em conexão experiências diversas. Assim, há a “possibilidade de autoconstrução e autoconhecimento, de produção de uma identidade que tem nesse outro a condição de significação” (GUIMARÃES, 2008, p. 16).

Com o advento de campos de pesquisa como a micro-história e a micro-sociologia é necessário “propor articulações distintas que ultrapassem a oposição clássica entre subjetividades singulares e determinações coletivas” (GUIMARÃES, 2008, p. 25). Para melhor compreender o impacto do surgimento da editora para as escritoras lésbicas no contexto da internet, optei por estudar a trajetória de vida de Karina Dias por perceber que, no caso dela, foi feita essa transição da internet para o livro sem, no entanto, haver uma separação entre estes dois suportes ao texto. Na verdade o que há é uma fusão, no qual a escritora transita entre dois campos de divulgação de textos literários.

Bourdieu (1996b), acerca da obra e vida de Flaubert, afirma que a obra literária permite que se entre no mundo do autor. A leitura de um texto nos permite fazer uma socioanálise do autor a partir de seus escritos e, mais do que isso, fazer uma socioanálise da literatura. Essa análise da obra deve nos permitir entender melhor algumas capacidades artísticas que se relacionam com a trajetória dos autores, como “a capacidade de desvelar velando ou de produzir um “efeito de real” desrealizando” (BOURDIEU, 1996b, p. 18).

Pode-se perceber na trajetória e nas falas de Karina Dias o que Erving Goffman (2007) denomina como sendo “profissionais de representação”. A escritora, assim como outras autoras de textos lésbicos que estão despontando no contexto da internet, utiliza-se do estigma social que é ser lésbica para apresentá-lo como uma forma de empoderamento a partir do momento em que colocam afirmativamente a sua identidade lésbica e buscam, através de seus textos, representar o grupo minoritário no qual está inserida.

Diante da gama de escritoras lésbicas que começaram a surgir a partir dos anos 2000, a escolha por Dias se deu primeiramente pelo fato de ser uma escritora lésbica que fez a transição da escrita virtual para os livros, porém tal recorte também se deu pelas suas escolhas profissionais. Mesmo não se considerando uma escritora profissional, ela publicados na internet doze romances e um conto, além de três livros impressos e participação em duas coletâneas, uma delas internacional, o que a faz ser uma autora relevante para a literatura lésbica atual no Brasil.

Guimarães afirma, versando sobre a relação entre História e Narrativa, que “a narrativa apresenta-se como um elemento importante para a compreensão das formas como se realiza a produção do conhecimento em história. Forma e conteúdo não estão desvinculados quando da produção do conhecimento pelo historiador” (GUIMARÃES, 2008, p. 29). De forma semelhante, pensando em relação à escrita e a trajetória de escritoras, deve-se levar em consideração o caminho percorrido pelo autor na produção de seu texto, autor e obra devem ser estudados para o entendimento de uma produção artística.

Karina Dias afirma que vê o trabalho da escrita como sendo 90% prática e 10% talento. Para ela qualquer pessoa pode escrever, basta buscar seguir os seus próprios passos. O seu texto *Escrever uma história*, além de mostrar como é o processo pessoal de escrita, incita as leitoras a escreverem seus próprios textos, revelando, assim, disposições, no sentido bourdieusiano. Para ela:

escrever é 90% prática e 10% talento [...] quando abrimos um livro, não é apenas para apreciar a história, mas também, aprender com os grandes escritores [...] Leia atentamente, preste atenção na construção das frases, dos diálogos. Tente descobrir qual pitada de emoção determinado escritor colocou em uma passagem que tenha te emocionado, despertado sensações adversas em seu interior. (DIAS, 2012)

Pode-se perceber aqui a existência de uma libido específica (BOURDIEU, 1989), em que o fato de gostar de escrever e ser lésbica juntos transmutam-se em se tornar escritora de textos lésbicos.

Sabe-se, entretanto, que há condicionantes externas, mas que também agem internamente no indivíduo, que estão fortemente envolvidas nesse processo de escrita. Neste sentido é interessante pensar o conceito de disposição, que nos ajuda a pensar a trajetória de um indivíduo (agente) a partir de um campo de

possibilidades (BOURDIEU, 1989). Bourdieu afirma que o indivíduo está imbuído por um conjunto de disposições, que são atitudes que o indivíduo se obriga a realizar por uma razão que ele não sabe qual é. Isto não quer dizer que exista um mundo inventado, pois a disposição é uma “probabilidade de”, não uma obrigação.

Sendo o mundo social um mundo de disposições e um mundo de jogos no qual incorporamos disposições para agir, cabe ao sociólogo entender essa ação. Assim sendo, penso: que disposições levaram tais autoras a dedicar-se à escrita?

É importante pensar, a partir da fala de Karina Dias, a relação entre sua trajetória, o habitus e o campo de possibilidades no qual a autora está inserida. O campo é um campo de lutas pela definição da verdade e quem tem hegemonia do campo define as regras. No caso da escritora, as regras diziam-lhe para não vivenciar seus desejos por pessoas do mesmo sexo. Entrando neste jogo e entendendo as disposições e possibilidades dentro do campo específico no qual estava inserida, a autora buscou formas de furar o bloco monolítico da heterossexualidade.

Essa entrada no jogo, no sentido que Bourdieu a define, não ocorre de forma clara. O princípio do jogo é que em cada lugar da vida social há um jogo, que não é visto como tal, pois os jogos sociais não são vistos como jogos, mas como deveres sociais, como afazeres (BOURDIEU, 1989). Segundo o autor, o

Campo de forças possíveis, que se exercem sobre todos os corpos que nele podem entrar, o campo do poder é também um campo de lutas, e talvez, a esse título, comparado a um jogo: as disposições, ou seja, o conjunto das propriedades incorporadas, inclusive a elegância, a naturalidade ou mesmo a beleza, e o capital sob suas diversas formas, econômica, cultural, social, constituem trunfos que vão comandar a maneira de jogar e o sucesso no jogo. (BOURDIEU, 1996b, p. 24)

Entretanto, é importante ressaltar que há diferença entre um jogo premeditado e um jogo incorporado. No caso da autora, podemos pensar a existência de um jogo incorporado, visto que a percepção de inexistência de uma literatura que retratasse amores iguais aos seus, amores lésbicos, foi o que a levou a transmutar, em sua mente, os casais heterossexuais em casais homossexuais femininos, e a produzir mais tarde obras literárias.

Ao incorporar um habitus, o de que a homossexualidade deve ser escondida no campo das produções artísticas, a autora buscou um mecanismo de fuga para ver exercido os seus desejos afetivos em obras literárias: usou a sua

imaginação e começou a escrever histórias para si, que representasse seus afetos e desejos. Entretanto, é importante pensar: quando e como essa fuga pessoal tornou-se algo coletivo? Pode-se pensar que isso ocorreu a partir do momento que ela passou a publicizar seus textos na internet. É preciso, aqui, pensar racionalmente, pois nenhum sujeito é dado sem historicidade. Bourdieu afirma, contrário ao pensamento de Marx, que os homens fazem a história, mas não como querem e sim a partir de um campo de possibilidades (BOURDIEU, 1989). Ele vai além, afirmando que “o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização” (BOURDIEU, 2002).

Para pensar a relação entre obras de arte e sua produção, Bourdieu afirma que é preciso:

Procurar na lógica do campo literário ou do campo artístico, mundos paradoxais capazes de inspirar ou de impor as "interesses" mais desinteressados, o princípio da existência da obra de arte naquilo que ela tem de histórico, mas também de trans-histórico, e tratar essa obra como um signo intencional habitado e regulado por alguma outra coisa, da qual, ela e também sintoma. (BOURDIEU, 1996b, p. 15-16)

No caso específico da vida e da escrita de lésbicas há um trabalho de eternização voltado para a dominação masculina e para a exclusão das mulheres do campo da vida pública e também da produção artística. A produção de escritoras lésbicas é regulada, mas é também um sintoma disto. É em meio a esse processo de eternização do masculino e da heterossexualidade, que temos o surgimento da possibilidade de um habitus, o da lésbica escritora, construído a partir de um conjunto de disposições. É importante aqui pensar a ideia de habitus, visto que com este conceito Bourdieu crítica o pensamento do gênio criador, pois não criamos a partir do nada.

Karina Dias, ao incitar a escrita das suas leitoras não o faz a partir do nada, ela o faz a partir de sua experiência, pois

tem gente que acha que ser bom em gramática é o suficiente para escrever qualquer coisa. Ajuda, mas sem suor, a folha fica em branco. Se vocês buscarem as minhas primeiras postagens na internet verão que minha imaginação era fértil, mas a minha gramática era bastante deficiente (DIAS, 2012).

Se o habitus é um estado do corpo e está incorporado em crenças, temos

aqui já um habitus, uma incorporação social na vida de cada um. Esse habitus, que fez com que a incorporação da cultura se desse ao longo do tempo, possibilita que hoje, mais facilmente, diversas mulheres publiquem seus textos na internet ou em livros, em alguns casos.

Karina Dias afirma em seus textos e em entrevistas que a motivação da sua escrita é o desejo, a vontade, e não a busca de dinheiro e reconhecimento. Esta defesa é muito comum no campo artístico, no qual o desinteresse é valorizado e busca-se a “arte pela arte”, o que faz, em certo sentido, com que o artista que vende bem ou que produz por encomenda seja malvisto (BOURDIEU, 1989).

Sabendo que o sucesso de autoras como ela não é casual, mas sim produto da junção da trajetória pessoal com o campo de possibilidades, tenho minhas dúvidas em relação a essa total isenção das autoras em relação a não buscar por dinheiro e reconhecimento. Entretanto, não posso afirmar ainda muito sobre isto, pois estou caminhando em meu processo de pesquisa com elas. Outrossim, posso perceber sim que há alguns rituais de consagração em relação à trajetória delas. Em geral, esses rituais ocorrem junto ao processo de publicização das obras por parte da editora e estão dentro de uma estratégia de venda desses livros.

Se pensarmos que a literatura nos permite ver as estruturas sociais na vida dos indivíduos, o estudo de textos nos quais as escritoras versam sobre si nos permitem ver o social e o pessoal em suas escritas. Isto é importante, pois sabemos que a escrita não é um processo oriundo de uma produção solitária, assim como a ciência não o é. Sobre isto, Bourdieu afirma contundentemente acerca da relação entre a trajetória pessoal e a produção, artística ou científica, de um indivíduo:

Então, é fato que para compreender o que fez Foucault, é importante saber que era homossexual. Penso que Foucault não teria feito o que fez se não fosse homossexual. Muitos dos problemas que teve, se isso lhes interessa, basta ler a biografia de Didier Eribon, publicada pela Fayard há alguns anos e que dá muitos elementos: na época da ENS, ele tentou se suicidar, ele tinha grandes problemas ligados ao fato que era homossexual e que naquela época isso era estigmatizado, inclusive nos meios intelectuais. Penso que uma parte importante dos problemas que colocou, sobre a normalidade, sobre a medicina, são problemas que encontrou como homossexual. **Mas, há um monte de homossexuais e só tem um Foucault.** O que ele fez transformou seus problemas existenciais, de homossexual, seus sofrimentos, sei lá o que, suas questões, etc. Ele as transformou em problemas científicos. Ele lutou a vida toda pra elaborar isso. Ou seja, não é o homossexualismo bruto que dá numa boa filosofia. Assim não é uma experiência dada qualquer que dá numa boa sociologia.

Então o problema é como trabalhar sua própria experiência para fazer algo dela. (BOURDIEU, 2001, grifos nossos)

Não busco aqui provar que a escritora em questão trará para a literatura o mesmo diferencial que Foucault trouxe para as ciências sociais. Se isso acontecerá ou não, somente o tempo dirá. Porém importa entender como a experiência lésbica em sua vida a fez ser uma escritora que consegue, na atualidade, falar desta experiência de vida e ser vista como apta, assim entendida pelo grupo social em questão.

Segundo Bourdieu (1996b), esse interesse crescente pela pessoa do escritor “cresce paralelamente à autonomização do campo de produção e à elevação correlativa da situação social dos produtores” (BOURDIEU, 1996b, p. 217). Busco, então, pela trajetória desta escritora entender a atual situação social que engendra a produção de livros de lésbicas para lésbicas. Seguindo aqui, também, o que Bernard Lahire (2006) aponta ao afirmar que a questão do indivíduo deixa de ser do campo da Psicologia e passa à Sociologia. Tal transposição faz possível a existência de uma Sociologia em escala individual, segundo a qual a história de vida permitiria uma síntese do quadro cultural. Sabendo que as experiências individuais e coletivas são multissocializadas e multideterminadas, como afirma Lahire (2006), a influência dessas vivências na experiência de vida é um campo fértil de estudo para a sociologia em escala individual, pois “é (socio)lógico observar os indivíduos resistirem amplamente à ideia de um determinismo social” (LAHIRE, 2006, p. 26).

Se a luta por reconhecimento é sair da condição de particularidade, como a invisibilidade lésbica na literatura torna-se uma forma de afirmar a lesbiandade? É clara a existência da dominação masculina no campo literário, como nos mostram, por exemplo, os estudos de Regina Dalcastagnè (2002, 2005, 2007). Entretanto, é interessante perceber como, na trajetória da escritora, tem-se engendrado uma luta política e uma revolução simbólica que visa a desconstrução da ordem social centrada no falo (BOURDIEU, 2002).

Neste sentido é importante realizar um estudo que faça a conexão entre vida e obra da autora, pois esta conexão singulariza a sua produção artística e a mostra dentro de um campo de possibilidades do social. Para melhor fazer uma conexão entre autora e obra, no capítulo seguinte realizar-se-á um estudo sobre três das diversas obras que a autora publicou desde 2007.

4 OBRAS EM ANÁLISE

“A arte é concebida como uma manifestação altruísta, já que, quando cria e torna pública sua obra, o artista faz com que sua individualidade seja apreendida por outros.”
Mila Burns

Neste capítulo busco fazer uma análise de algumas obras da autora e mostrar como elas estiveram inseridas, no contexto de sua produção, a um grupo de produção de textos lésbicos. A análise de tais obras é uma forma de expor as mudanças que estão ocorrendo na forma e no conteúdo da escrita lésbica na internet e em livros.

Foi feito um processo de mapeamento dos sites e blogs onde estes textos foram primeiramente postados. Tal processo foi necessário pelo fato de que muitos textos terem sido postados em um site e repostados em outros por fãs das autoras. Há também a existência de um empecilho nessa catalogação, uma vez que muitos dos sites onde os textos foram originalmente postados não estão mais no ar. Diante disto, quando entrevistei a autora tirei dúvidas acerca do local de publicação de alguns textos e tentei delinear melhor a rede de publicação de tais obras (Ver lista de livros no Apêndice A).

Na catalogação destes textos, empreendi processo de mapeamento da publicação dos textos no site XanalnBox. Tal processo tem como ferramenta de auxílio principal o site Archive.org, pois o XiB hoje em dia está desativado e somente através do Archive pude ter acesso a páginas de sites que atualmente não estão mais no ar. Ocorre que mesmo com o uso do Archive, há dificuldades de catalogação, pois ao acessar um site através dessa plataforma o mesmo não fica mais como era em sua versão original. Com isso, ocorre uma relativa instabilidade destes textos publicados na internet, que podem sair do ar a qualquer momento quando o site que o hospeda deixar de existir, como no caso do XiB.

A análise dos livros aqui selecionados levou em conta os seguintes fatores: 1) o resumo da história (personagens, trama, ambientações); 2) a forma de elaboração (ao longo de quanto tempo, periodicidade); 3) o local da elaboração e da publicação e 4) as características da história na trajetória de escrita da autora.

4.1 Karina Dias

Optei por escolher três romances de Karina Dias, dentre as mais de quinze obras publicadas na internet e em livros, para exemplificar o desenvolvimento de sua obra como um todo e a relação deste desenvolvimento com a internet e a publicação impressa.

Na leitura dos textos da autora, pude fazer uma catalogação primária de tais obras, segundo características semelhantes. Tal catalogação permitiu que eu percebesse que, nesses sete anos de trajetória de publicação virtual da autora, entre 2007 e 2014, foram-se desenhando algumas fases de escrita. Fases estas delimitadas pela forma da escrita, forma de publicação e pelo tipo de contato com o público leitor.

A partir desta percepção primária sobre o conjunto de textos de Dias, dividi tais obras em três fases. Para a análise do presente capítulo, escolhi uma obra como representante de cada fase para fazer a análise do momento da escrita daquele conjunto de textos os quais ela representa.

Pode-se pensar que sete anos é um curto espaço temporal para fazer essa periodização da carreira da autora. Porém, trata-se de um instrumento de análise que permite entender melhor a transição que identifiquei através da modificação das formas de escrita e de divulgação dos textos e das escritoras lésbicas.

Na primeira fase aqui delimitada, a autora publicava livros exclusivamente na internet, de forma folhetinesca, diretamente no site XanaInBox e é representada pelo romance *De repente é amor*. Na segunda fase, ocorre a transição da publicação virtual para a impressa, conforme apontado anteriormente. Para representá-la, escolhi o livro *Aquele dia junto ao mar* e sua versão anterior que foi publicada na internet, chamada *No ritmo do amor*. Na terceira fase, Dias passa a publicar romances exclusivamente na internet e será representada pela sua mais recente publicação, *As rosas e a revolução*.

4.1.1 De repente é amor: o primeiro livro virtual

Neste primeiro tópico, analiso o momento identificado como sendo a iniciação de leituras e de escritas lésbicas fomentada pela internet em meados da década de 2000. Compreendo este momento como o período inicial de formação de leitoras e de autoras no ambiente de blogs e sites voltados para o público lésbico. Neste período, atesta-se o que viria a ser a primeira forma de escrita de textos lésbicos na internet: uma escrita direta, sem revisões, pelo fato de ser uma escrita rápida e relativamente informal

A escolha do livro *De repente é amor* se deu pelo fato de ter sido o primeiro livro da autora publicado na internet de forma folhetinesca, escrito diariamente. Mesmo não tendo sido o seu primeiro romance, *De repente é amor* foi o primeiro que ela escreveu e publicou diretamente no site XanainBox, sendo um texto que, segundo a autora, foi escrito na própria plataforma do site, não havendo correção ou releitura do mesmo. Segundo Dias, ela escrevia diretamente no Xana in Box por não saber ainda manejar as ferramentas da internet, o que fez com que este e diversos outros textos publicados no XIB não passassem por nenhuma correção ortográfica antes de sua publicação.

Este romance representa ainda o primeiro contato da autora com textos e com o público lésbico, visto que foi a partir do conhecimento deste site que ela passou a perceber a existência de outras pessoas que gostavam de ler e escrever textos com personagens lésbicos. A história representa também a primeira percepção da autora sobre a importância dos textos lésbicos para as suas leitoras, como uma forma de militância centrada na arte. Dias chega a afirmar, sobre esta sua primeira publicação virtual, que “eu tenho um carinho muito especial por esta história, porque foi a partir daí que eu vi, foi a partir deste momento que deixou de ser diversão para ser militância.” (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014).

Segundo a autora, ela havia planejado a história do livro para ser curta, tendo apenas três postagens, porém, devido à imediata repercussão que ele teve no site, a história foi prolongada para não frustrar as expectativas do público. Ao final *De repente é amor*, teve trinta e nove capítulos, sendo publicado ao longo de trinta e nove dias.

O livro narra a história de Rafaela Martins, uma adolescente de dezessete anos, que logo no início do texto fala que não se vê como uma “menina normal”, pois

passou a se perceber diferente ao início de sua puberdade, quando tem a descoberta da sua homossexualidade. Tal percepção de sua “diferença” ocorre principalmente quando a personagem, ao dormir com as primas, sentia prazer ao passar suas mãos pelos corpos delas.

A partir daí a história narra a trajetória de descobertas de Rafaela, como seu primeiro beijo, aos treze anos, com uma amiga de colégio e o fato de as duas terem sido flagradas aos beijos no banheiro da escola. Diante disso, os pais das duas foram chamadas na escola e ambas foram suspensas. Ana, a amiga, mudou de escola após as férias e Rafaela foi mandada pelo pai para passar um tempo no interior, na casa de um tio.

Essa mudança para o interior ocorreu pelo fato de Rafaela ter confrontado o pai em relação ao que aconteceu, afirmando que faria tudo de novo com sua colega Ana. Disposto a fazer a menina repensar o que havia dito e como uma forma de mantê-la distante dos colegas, o pai a mandou para o sítio de seu tio Júlio, no qual não havia muitas pessoas.

Porém, foi neste sítio remoto que a personagem teve a sua primeira relação sexual com uma mulher. Pouco tempo depois de completar quatorze anos, aniversário este que ocorreu no sítio, Rafaela conhece Júlia, a filha da empregada do tio. Júlia tinha dezenove anos e sempre vinha ao sítio ajudar a mãe no trabalho. Rafaela, percebendo a beleza dos olhos verdes de Júlia, sempre inventava desculpas para ir até a cozinha quando Júlia estava lá. Sempre depois de ajudar a mãe nos fazeres domésticos, Júlia ia para a cachoeira do rio que passava pelo sítio.

Rafaela, que sempre a seguia, um dia estava observando Júlia escondida, quando foi surpreendida por esta, que ficou furiosa. Logo depois elas tiveram uma conversa na qual Rafaela admitiu o seu desejo por Júlia, que disse já ter conhecimento do motivo dos pais terem mandado Rafaela para o interior. Júlia diz que Rafaela é apenas uma criança e que devia parar com aquilo, porém logo depois elas se beijaram e fizeram sexo ali mesmo.

Depois deste primeiro dia, as duas não mais se desgrudaram, passando a sempre se encontrar naquela cachoeira e a se beijar escondidas pela casa. Diante de seus diversos sumiços para ir à cachoeira, o tio Júlio resolveu a seguir e flagrou as duas tomando banho nuas na cachoeira. Seu tio logo informou aos pais de Rafaela que ela tinha sido novamente pegue em flagrante com uma mulher. Depois disso, eles a trouxeram de volta para o Rio de Janeiro e ela nunca mais viu Júlia.

Novamente há um confronto entre a personagem principal e seus pais em relação à sua orientação sexual. Ocorre, porém, que a mãe é mais reservada quando o assunto é a homossexualidade da filha, achando que é apenas uma fase que irá passar, enquanto o pai é mais incisivo ao dizer que Rafaela o envergonha. Neste momento a autora, através da personagem principal inicia uma defesa da homossexualidade, utilizando não o termo orientação sexual (comumente utilizado pelos movimentos LGBTs), mas a expressão “condição sexual”.

Neste momento, a personagem demonstra ter vergonha de seu pai por, segundo ela, ele “decepciona com seu preconceito absurdo. Afinal de contas, com quem dormimos não devia importar, o que deveria valer mesmo é o nosso caráter.”. Podemos perceber aqui algo que será constante na obra da autora: a defesa da homossexualidade como algo inato e por isso, nos termos dela, uma “condição”. Por mais que não se possa perceber nos textos publicados no site XanaInBox uma ligação da autora com movimentos sexuais, há uma defesa da homossexualidade baseada, principalmente, na questão do amor e da não escolha de quem nós amamos.

A trama da história e, mais especificamente, a história de amor que será pano de fundo para contar a vida e a trajetória de formação amorosa de Rafaela ocorre na escola na qual ela estuda. A personagem tem dezessete anos e está terminando o Ensino Médio, porém não sabe para qual curso irá prestar o vestibular, dúvida esta muito comum em jovens que estão nesta fase da vida. Na escola ela tem como melhor amigo um garoto chama Lucas, o único a saber da sua orientação sexual.

No tocante à sua vida sexual e amorosa, depois dos dois envolvimento descobertos pelos pais, Rafaela teve outras relações com meninas, porém nenhuma delas a fez pensar ser o seu primeiro amor, pois não passavam de desejo sexual. Tudo começa a mudar com a chegada da nova professora de Matemática, Amanda. Antes mesmo da chegada de Amanda, os alunos já disseminam boatos de que ela seria lésbica, o que faz com que muitos demonstrem seus preconceitos através de comentários homofóbicos e da construção de uma imagem estereotipada da professora como sendo uma lésbica masculinizada e mal-humorada. Essa imagem reflete uma parte do imaginário social, que associa a homossexualidade feminina aos atributos da masculinidade e da violência.

Entretanto, Amanda, para a surpresa dos alunos, em nada condizia com a

imagem de uma lésbica que eles tinham em mente. Na verdade, a professora era jovem (tinha vinte e oito anos), muito bonita e simpática. Diante disso, os alunos logo passaram a pensar que a história da homossexualidade da nova professora não passava de boatos, afinal, como poderia uma mulher tão bonita e feminina ser lésbica?

Rafaela, assim como grande parte dos meninos da turma, logo se encantou com a professora, o que a fez tentar ter o máximo de contato com ela. A garota chega a fingir que não sabe a matéria para ter aulas particulares com a professora, que após uma dessas aulas se oferece para deixar Rafaela em casa, pois já estava tarde. Ao se despedir, saindo do carro, a menina lhe dá um beijo quase no canto da sua boca, o que assusta Amanda.

Ocorre que, além de ser sua professora, Amanda logo fica noiva do seu namorado. Porém havia uma fofoca na escola de que seis anos atrás, quando Amanda tinha vinte e dois anos, ela teria tido um relacionamento com uma aluna do terceiro ano chamada Fabiana, que à época tinha dezessete anos. Quando as pessoas do colégio e os pais da menina ficaram sabendo foi um escândalo, Amanda foi demitida e os pais da garota a mandaram para uma clínica por acharem que ela estava louca por se relacionar com uma mulher.

Depois de vários acontecimentos, Rafaela consegue ficar com Amanda, que fica confusa com tudo o que está acontecendo em sua vida novamente. As duas têm idas e vindas em seu relacionamento, principalmente pelo fato de Amanda se culpar por trair o noivo. Porém, elas acabam sendo pegas em flagrante por este, que começa então a ameaçar a professora.

Preocupada com toda aquela situação, Rafaela conta sinceramente para a mãe toda a sua história com a professora. Ao ouvir a história, a mãe fica também preocupada com medo do que Rodrigo poderia fazer. Rafaela resolve, então, ligar para Amanda, mas antes mesmo de fazer isso seu pai chega e questiona sobre o que está acontecendo. A menina e a mãe explicam a história e o pai começa a questionar sobre quem é Amanda, a sua idade, suas intenções. Naquele momento, Rafaela escuta um buzina conhecida e percebe que é o carro de Amanda em sua porta.

Ela vai logo ao encontro da professora e esta lhe diz que Rodrigo não aceitou muito bem o fim do noivado, que fez ameaças, mas que ela não cedeu. Diante da coragem de Amanda, Rafaela resolve apresentá-la para seus pais.

Diferentemente, do que as duas pensavam, os pais da menina acabaram reagindo bem ao namoro com a professora, na esperança de que ela ajudasse Rafaela a se manter longe de confusões.

Porém, ao chegar na escola no dia seguinte, Amanda vai a secretaria e encontra Rodrigo, para a sua surpresa. O ex-noivo havia ido a escola e contado a todos a história entre a professora e a aluna, exigindo que Amanda fosse demitida, por ter “corrompido” a aluna. O diretor chamou, então, Amanda para conversar e entender melhor o ocorrido, questionando-a se era verdade a história. Amanda, por sua vez, não negou e o diretor ficou surpreso, com a atitude que ele categorizou como antiética. Neste momento Rafaela se mete na conversa e diz que foi ela quem insistiu em procurar Amanda.

Diante da afirmação de Rafaela, o diretor pede que ela saia da sala e fica conversando somente com Rodrigo e Amanda. Enquanto esperava do lado de fora da sala, Rafa é consolada por Carla, que admite já saber da história das duas há algum tempo, pois Amanda tinha ido à sua casa no dia que Rafaela não apareceu e tinha chorado muito, pois estava apaixonada.

Quando Amanda saiu da sala cabisbaixa, Rafaela ficou preocupada com o destino das duas. Para sua surpresa, a professora não tinha sido demitida, mas tinha sido transferida para outra filial do colégio. Já Rafaela recebeu uma suspensão de uma semana. Ao chegar em casa, a garota contou aos pais a história, porém eles não ficaram muito preocupados, pois, de certa forma, sentiam-se mais seguros pelo fato de Rafa estar se relacionando com uma professora.

Com um capítulo denominado “Essa tal felicidade existe?” o texto termina mostrando que nem tudo são flores quando o assunto é o relacionamento de Amanda e Rafaela. Mesmo que os amigos, colegas de trabalho e familiares de Rafaela tenham aceitado o casal, ainda há o pai de Amanda, que não aceita o fato da filha ser lésbica.

Assim, o livro termina mostrando que pai e filha rompem seu relacionamento, pois ele prefere não ter uma filha a ter uma filha lésbica. Isso, porém, não afeta a decisão de Amanda de ser quem ela é, mostrando que mesmo momentos felizes precisam de força, pois há sempre forças contrárias à felicidade alheia.

A trama relatada na história pode ser categorizada como um romance romântico ou um romance de formação, que nos mostra as aventuras e desventuras

de uma jovem em busca de seu primeiro amor. Esta característica (a busca pelo primeiro amor) é algo recorrente nos livros de Karina Dias. Em suas obras é também muito comum a relação entre uma personagem que se aceita como lésbica e outra que ainda está no processo de descobrimento e aceitação de si.

Tais textos mostram para as leitoras que é preciso uma aceitação da homossexualidade para que a lésbica viva bem consigo mesma. Através das histórias, há um incremento de possibilidades de sentido e de aproximação entre iguais a partir do fomento da homocultura e da literatura lésbica, especificamente.

Porém é importante refletir: o que este fomento de uma literatura específica nos diz sobre este grupo específico? Creio que estes textos não são apenas passatempo, mas há um fundo político na constituição das personagens, mesmo que elas pareçam, à primeira vista, apenas personagens de histórias de romances femininos.

E neste caso específico ela dá uma perspectiva de mundo para aquelas que não a tem, devido ao preconceito de nossa sociedade em relação à homossexualidade. Quebra-se, assim, a espessa barreira do imaginário social. Se há uma ausência representacional de mulheres homossexuais em nossos meios culturais, como uma pessoa que se percebe pertencente a esta minoria irá lidar com tranquilidade com isso?

A representação de grupo marginalizados (LGBTs, minorias étnicas e religiosas, deficientes, etc), através de meios culturais, trata-se também de entretenimento para tais pessoas que se veem representados em personagens com dramas comuns (amor, trabalho, tristeza, etc), mas que tem especificidades, como ser lésbicas, negra, umbandista, etc. Porém, o que se mostra com obras como estas é que a especificidade não modifica a sua experiência, apenas a faz ser um pouco diferente, como qualquer experiência o é. O que se pretende é mostrar que a vida de uma lésbica não é um mundo obscuro e sim uma vivência comum, que se diferencia pela orientação afetiva-sexual dissonante da maioria.

O que se pode perceber é que tais livros têm como público específico as lésbicas. Porém eles podem (e devem) romper esta barreira inicial do público. A leitura de tais livros por pessoas heterossexuais que desconhecem as vivências de mulheres homossexuais é uma forma de quebrar preconceitos e abrir janelas de conhecimento, da mesma forma que o é para as lésbicas que lêem estes livros para se enxergarem representadas e buscarem se entender e autoaceitar. Haveria,

assim, em tais obras, um aspecto de formação para as lésbicas leitoras e de informação para o público leitor em geral.

4.1.2 No ritmo do amor e Aquele dia junto ao mar: duas versões de um mesmo amor

O caso da obra *Aquele dia junto ao mar* é particularmente interessante para estudar a transição das obras do meio virtual para o impresso. Esta obra tem duas versões, uma publicada virtualmente em 2007, durante cinco meses, com o nome *No ritmo do amor*, e uma versão impressa publicada em 2009 pela Editora Brejeira Malagueta.

Essa transição para a internet foi possível graças ao surgimento, em 2008, da Editora Malagueta, que abriu espaço para outros selos lésbicos também fazerem publicações de textos antes publicados na internet.

A importância de fazer um estudo das duas versões desta obra é para perceber como a publicação do texto virtual na forma impressa trouxe modificações para a obra. Modificações estas que têm relação com o próprio público, visto que o grupo de mulheres leitoras da Brejeira Malagueta em seu início é diferente do público de leitoras/escritoras de textos na internet, vez que a editora apostou na publicação desta obra não visando apenas ao grupo de leitoras que já a conheciam pela internet, mas também querendo focar no grupo de mulheres que não participavam destes espaços de socialização na internet.

A história se passa no Rio de Janeiro, como quase toda a totalidade de textos da autora, que, mesmo morando em São Paulo desde 2009, afirma ter mais facilidade em escrever sobre sua cidade natal por conhecê-la melhor. O livro é considerado pela editora como sendo “o grande favorito das leitoras”.

O romance conta a história de amor entre Maria Eduarda (Duda) e Gabriela. A primeira é uma aluna de Educação Física e a segunda é uma prostituta de luxo e stripper. O destino das duas se cruza quando, na virada no ano em Copacabana, durante a queima de fogos, Duda avista Gabriela e fica encantada com sua beleza. A garota tenta naquele momento de alguma forma conquistar Gabriela, porém está não lhe dá muita atenção e vai embora sem deixar nenhum contato.

Mesmo sendo uma pessoa desconhecida, Duda não tira Gabriela de seus pensamentos. Seus destinos voltam a se cruzar quando Duda vai com seus irmãos

para uma famosa boate na qual haveria um show de streap tease. Para a surpresa de Duda, a stripper era aquela bela morena pela qual ela havia se encantado. A garota fica, então, sem saber o que fazer, quando descobre que a mulher que lhe encantara tinha esta profissão, porém ela não deixa de assistir encantada ao show de Gabriela.

O livro em suas duas versões é constituído por uma alternância de falas entre Duda e Gabriela. Cada capítulo é alternadamente a visão de uma das duas personagens sobre o que aconteceu em suas vidas. Na versão virtual, os capítulos, no total de cinquenta e dois, têm como título apenas “Duda” e “Gabriela”, enquanto na versão impressa há títulos específicos para cada capítulo.

A obra foi escrita no mesmo ano que o texto De repente é amor, no ano de 2007, primeiro ano de publicação de Dias no site Xana In Box. Porém, entre a publicação destes dois textos, Dias publicou mais outras três histórias. Isso nos mostra a grande quantidade de textos que a autora publicou tão logo conheceu o XiB.

Neste livro, tem-se uma recorrência temática que aparece em quase todas as obras da autora: a descoberta da homossexualidade. Mais especificamente, há o desenrolar de uma história de amor por parte de uma personagem que não se aceita enquanto lésbica (Gabriela) e uma personagem que se aceita e é plenamente compreendida pela família e amigos (Duda). A percepção de si enquanto tendo desejos e sentimentos por outra mulher faz Gabi entrar em choque, pois pensa que seria mais difícil ainda sua vida, pois ela seria “puta e lésbica”, como a personagem afirma.

Além desta questão da descoberta e aceitação de si enquanto lésbica, neste livro há uma interessante pesquisa e relato acerca de dois temas que são amplamente debatidos por serem problemas sociais: a prostituição infantil e o tráfico de drogas. O livro nos mostra como Gabriela acabou entrando no mundo da prostituição e no vício em cocaína.

A personagem tem uma vida marcada por uma série de tragédias que a levaram a não confiar em quem tentava manter relacionamentos afetivos com ela. Tudo começa quando Gabriela perdeu os pais e foi morar com a tia. A garota foi abusada sexualmente dos treze aos quinze anos pelo tio, que a ameaçava, caso ela contasse o ocorrido para alguém. Quando a personagem resolve relatar para a tia o que acontecia, esta não acredita nela e Gabi acaba indo parar nas ruas.

É nas ruas que ela conhece o homem que virá a ser seu cafetão e que também abusa dela, quando percebe que ela passava fome e frio nas ruas. Klaus, posteriormente apresenta Gabriela à cocaína, que ela passa a usar para poder aguentar os programas que tem que fazer para sobreviver.

Klaus é um personagem chave para a trajetória de amor entre as duas, pois ele sempre está presente tentando separar o casal, pois, na verdade, é apaixonado por Gabriela, mesmo sabendo que ela não nutre nenhum sentimento por ele que não seja o ódio.

Com a versão impressa do texto, houve mudanças de falas, correção de erros e linguagem. Por exemplo, uma importante mudança na linguagem ocorre na própria forma que a personagem Duda fala sobre si. Enquanto que na versão virtual ela fala em “condição sexual”, na impressa usa-se o termo “orientação sexual”, termo este mais adequado e recorrentemente utilizado pelo movimento homossexual. Houve também a inserção de uma nova personagem, Camila, e a mudança do final, que foi ampliado. E mesmo que em suas duas versões o livro contenha muitas cenas de sexo, na versão virtual há mais cenas e, em alguns casos, mais detalhes.

Além disso, há diversas mensagens na obra sobre questões da vida de mulheres lésbicas, como, por exemplo, ao versar sobre posições sexuais que podem ser consideradas polêmicas no universo lésbico. Interessante também o alerta que uma das personagens faz sobre a questão de exames de prevenção para doenças sexualmente transmissíveis, pois há uma clara mensagem sobre prevenção sexual entre lésbicas, tema este que é pouco debatido quando se fala sobre saúde sexual da população LGBT.

A grande mensagem que este e outros livros da autora tentam passar é sintetizada na fala de Duda quando diz que “o amor realmente não é um sentimento para covardes”. E o que se busca, nestas obras é que as leitoras tenham atitudes que não sejam de covardia em relação aos seus amores, por mais que existam obstáculos e preconceitos.

4.1.3 As rosas e a revolução: um livro exclusivamente impresso

Após publicar mais de uma dezena de textos romances na internet, ser selecionada para participar de duas coletâneas de textos lésbicos e de ter publicado dois livros pela Editora Malagueta, Karina Dias publicou este livro de forma independente.

Esta obra representa o que percebo ser o atual na publicação de textos lésbicos. Nele as autoras tanto publicam textos na internet, continuando com os seus projetos de “escrita política”, uma escrita que mantém uma ideia positiva da homossexualidade, quanto publicam livros impressos, seja por editoras, seja por edições particulares, como no caso deste romance.

O livro *As rosas e a revolução* têm uma inserção diferente na trajetória da autora, pois não é fruto somente de seu desejo de escrever sobre literatura lésbica. A obra é o resultado, também, de cerca de seis anos de pesquisa sobre ditadura Militar, pois a autora foi durante a graduação bolsista de iniciação científica numa pesquisa que tratava do tema. Assim, a ideia da história nasceu ainda em 2008, mas o livro somente foi publicado em 2014, ano em que o golpe militar completou cinquenta anos.

Mesmo que outras obras dela tenham feito com que se destacasse no meio lésbico e ganhasse visibilidade, quando perguntada sobre qual seria a obra mais importante de sua carreira, Dias afirma:

Eu tenho um carinho especial por todos, cada um teve o seu momento específico para ser escrito. Mas, assim, confesso que o livro *As rosas e a Revolução*, até por ser um tema que eu pesquisei no Mestrado, por ser um tema que eu pesquisei na Iniciação Científica, por ser um tema que eu acho muito relevante da nossa história, que eu acho que a gente não pode esquecer, até para que não se repita, então, essa história sobre a Ditadura Militar, romance na Ditadura Militar é a história que mais me marca. (KARINA DIAS, entrevista em 29/04/2014)

Esta obra em muito se diferencia de outras da autora, primeiramente por ser sua única obra na qual há alternância de pessoas no discurso, pois a primeira e a terceira partes são em terceira pessoa, enquanto a segunda é em primeira pessoa, sendo um relato pessoal da vida da personagem principal. Ela pediu opinião de outras autoras, que a desaconselharam a fazer isso, mas mesmo assim ela o fez,

apesar de se sentir insegura. Além disso, tem-se aqui um romance histórico, no qual se percebe uma grande pesquisa sobre a história ditatorial do Brasil.

O romance começa mostrando um jovem religioso, Miguel, que não aceita quando descobre que seu irmão é homossexual. Diante disso, ele resolve mudar de casa e ir morar sozinho, porém, ao se mudar, encontra em sua nova casa um diário da antiga moradora e resolve entregar o mesmo para ela. O que ele não esperava era conhecer a filha desta senhora, que o encanta e o faz ter interesse sobre elas. Assim, ele passa a visitá-la para ouvir suas histórias sobre lutas e amores no tempo da ditadura.

É a vida desta senhora, chamada Vilma, que o faz perceber que o amor entre iguais é também uma forma de amor e que pode gerar bons frutos. Mesmo que a garota que ele conheceu como filha de Vilma não seja sua filha biológica, mas sim de sua falecida companheira, Hanna, a jovem sempre foi criada como sendo filha de ambas. Isso faz com que ele perceba que o importante é o amor e acabe aceitando a homossexualidade do irmão e repensando a sua própria religiosidade.

Apesar de ser um livro centrado no amor lésbico e no desenvolvimento afetivo e pessoal das personagens, esta obra é recheada de detalhes históricos e é perceptível o conhecimento da autora sobre fatos e datas, pois esta insere Vilma em diversos acontecimentos importantes de nossa história recente, assim como nos mostra os locais de socialização lésbico daquele período. Mesmo sendo um livro que mantém muitas cenas de carinho em sexo entre mulheres, percebo esta obra, como sendo a que menos tem a descrição de cenas de sexo entre as personagens.

Este livro marca mudanças na forma de escrita da autora, pois diferentemente de outros textos, demorou anos para ser completado, além disso pode ser caracterizado como um romance histórico e não um romance referencial, como as outras obras da autora. Na verdade, os romances referenciais não são característicos somente da escrita de Dias, mas “o romance brasileiro contemporâneo possui caráter preponderantemente referencial – são raras as obras que se voltam para o passado, ou aquelas que optam por uma ambientação que não seja o das nossas grandes cidades” (DALCASTAGNÈ, 2007, p. 7).

Talvez essa volta para o passado seja fruto, não somente da pesquisa científica da autora, mas também da influência de outras escritoras lésbicas em sua escrita. Segundo Dias, em entrevista que fiz com ela, a autora que ela conheceu e que mais gosta do meio lésbico é a inglesa Sarah Waters, conhecida por escrever

textos lésbicos históricos, alguns destes que já foram transformados em minisséries pela BBC de Londres.

4.2 A formação do eu lésbico na literatura

Estas obras podem ser entendidas como formas de expressão da experiência de vivência de jovens lésbicas nas cidades grandes do Brasil, nos quais se tenta passar uma ideia de positividade em relação às lésbicas, principalmente, para o público leitor lésbico. Há entre estas leitoras e autoras o que Chartier chamaria de partilha cultural (CHARTIER, 1991) ou uma comunidade de sentidos no mundo de leitoras e autoras. Comunidade esta que não mais pode ser entendida como somente virtual, pois há efeitos e vivências no âmbito pessoas das mulheres envolvidas.

Por mais que o afeto seja algo pessoal, Illouz (2011) nos mostra, na obra *O Amor nos tempos do capitalismo*, que ele nunca é individual, pois é situado relacionalmente. Além disso, deve-se lembrar de que a experiência também é constituída no discurso (FOUCAULT, 2010b). Neste caso pode-se pensar na literatura em questão como uma literatura de aconselhamento, pois há aspectos psicologizantes no texto, que dão dicas de aceitação de si. Há, em certo sentido, uma pedagogia da aceitação, na qual se percebe que as escritoras lésbicas encarnam a função de aconselhamento para as leitoras previstas, como também ocorre em textos literários voltados para outros grupos específicos, conforme expõe Illouz (2011).

Tais textos de aconselhamento se inserem numa tradição literária, de romances sentimentais de aconselhamento. Há neles um princípio de longa duração, pois não é algo novo, mas sim a inscrição ou adaptação de uma tradição literária voltada principalmente para as mulheres.

Segundo Elódia Xavier (1991), a literatura de autoria feminina usa sobremaneira o tom confessional, em primeira pessoa, na qual chega-se a confundir facilmente a narradora com a autora. Ficção e autobiografia muitas vezes se cruzam, para os leitores, em tais textos. Cria-se, muitas vezes, uma relação de grande aproximação entre leitora, personagens e autora, na qual “a intimidade entre narradora e personagem é tão grande que a introspecção fica garantida. Suas

personagens têm dificuldade em sair de si mesmas, estão em busca de sua identidade, à procura de um espaço de autorrealização” (XAVIER, 1991, p. 12).

Quando do início da escrita de autoria feminina e até hoje, há na leitura introspectiva de textos por mulheres uma imersão nos valores das personagens, em suas vidas e formas de conviver com as adversidades advindas do fato de ser mulher em uma sociedade eminentemente patriarcal e machista. E no caso das mulheres homossexuais, tais textos são uma forma de criar imagens de si, diante das imagens tão estigmatizadas que são veiculadas quando se fala desta minoria sexual. Sobre a importância deste tipo de representação dos homossexuais, Eribon afirma que

É absolutamente necessário, vital, para os gays e as lésbicas poder dar suas próprias imagens de si mesmo, a fim de escapar às imagens durante tanto tempo produzidas sobre eles, e oferecer, assim, modelos positivos (ou neutros ou, ao menos, mais conformes com a realidade) àqueles-aqueles que só têm sob os olhos imagens tão fortemente negativas. Trata-se de produzir, si mesmo, suas próprias representações, e, por esse gesto, de se produzir como sujeitos do discurso ao recusar ser apenas objetos do discurso do outro. (ERIBON, 2008, p. 96/97)

Nesta produção de imagens e discursos sobre si, a literatura tem sido um elemento-chave. Para pensar esta produção literária, os conceitos “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” podem ser interessantes chaves de análise. Utilizados primeiramente por Koselleck (2006) para o entendimento da história, são, segundo o autor, conceitos universais e “remetem a um dado antropológico prévio, sem o qual a história não seria possível ou não poderia sequer ser imaginada” (KOSELLECK, 2013, p. 308).

O autor define experiência como sendo o “passado atual”, ou seja, um conjunto de vivências que foram incorporados pelo indivíduo e que são lembrados. Tais experiências são transmitidas por gerações e instituição. Interessante é o fato de em nossas experiências sempre existir um pouco da experiência alheia. Já expectativa, Koselleck define como sendo o “futuro presente”, trata-se de algo voltado para o que ainda não ocorreu, o que ainda não foi vivenciado, mas que é previsto.

Trazendo tais conceitos para o a relação da escrita com a leitura, podemos afirmar que a leitura dos livros traz às leitoras o aprendizado de uma experiência, uma espécie de conhecimento hagiográfico, se pensarmos nos termos de Certeau (1982). Tal experiência traz em si uma expectativa de novas vivências.

Entretanto, como afirma Koselleck, “passado e futuro jamais chegam a coincidir, assim como uma expectativa jamais pode ser deduzida totalmente da experiência” (KOSLLECK, 2013, p 310). É na tensão entre a experiência (seja ela vivida ou lida) e a expectativa que são geradas novas realidades na vida das leitoras de tais obras.

No caso dos textos aqui analisados, pode-se perceber que eles seguem uma tendência contemporânea percebida por Coqueiro (2012) acerca do novo bildungsroman, que seria a tendência de contemplar a representação de minorias e questão do aperfeiçoamento pessoal.

Para Bailey (1990), ao pensar a questão do bildungsroman, para grupos minoritários, não-tradicionais, temos não uma evolução deste gênero literário, mas sim uma importante transgressão do mesmo, uma revisão de um conceito tradicional de romance de formação. Há, assim, uma adaptação do conceito para contextos particulares de minorias em países em desenvolvimento (MAAS, 2000).

Pode-se, então, falar da existência de bildungsroman lésbico nos textos analisados, assim como no corpo de textos que ele representa. É a partir da percepção e aceitação de si enquanto membro de uma comunidade de sentidos que as leitoras-intérpretes destes textos passam a ter entre si um ponto de apoio virtual e literário, apoio este que quebra as barreiras do literário e do virtual e passa para as suas vidas fora da tela e do texto. Em verdade, não somente as leitoras se realizam nos textos, mas o texto se realiza na leitura, pois, a partir da formulação da ideia de leitor-intérprete por Guimarães (2008), temos que “o leitor, como membro de uma comunidade de sentidos, aporta significados ao texto, que, por isso, só se realiza quando do trabalho de leitura” (GUIMARÃES, 2008, p. 31)

Esta realização do leitor pelo texto e do texto pelo leitor remete aos ensinamentos de Tzvetan Torov, em seu livro *A Literatura em Perigo* (2009), onde ele faz uma defesa da literatura como forma de conhecimento do mundo. Segundo ele, “como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” (Todorov, 2009, p. 77). Todorov vai ainda mais longe, afirmando que certos autores podem nos ensinar tanto sobre a condição humana quanto os maiores sociólogos, não havendo incompatibilidade entre o saber sociológico e o literário, em alguns casos.

Segundo Guimarães, “a lembrança, assim como o esquecimento, são atos fundamentais engendrados ativamente pelas sociedades como forma de se construir. A vida coletiva estaria assim irremediavelmente ligada aos esforços

simbólicos, a esse mundo imaginário” (GUIMARÃES, 2008, p. 31). Os textos de Karina Dias buscam sair do controle do imaginário já estabelecido pelo cânone literário, pois, como defende Certeau (1982), busca-se controlar o imaginário, não somente a realidade.

Este imaginário controlado não evidencia a existência de personagens lésbicas situadas em tramas narrativas como outras quaisquer. O que se pode perceber é a ausência destas personagens ou o aparecimento estigmatizado delas. Tal composição de personagens nos mostra que há um apagamento da existência destas personagens e também destas pessoas.

Luiz Costa Lima afirma a existência de um “controle do imaginário”, de uma série de táticas utilizadas pela razão ocidental para limitar a força subversiva da ficção (COSTA LIMA, 2009). Pensando a partir deste conceito, podemos perceber que havia uma “necessidade” de um final trágico ou moralizante para “reconduzir” a personagem lésbica para a norma, para o seu local social: o local do feminino submisso em relação ao masculino. Se “todas as histórias foram construídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem” (KOSELLECK, 2013, p. 306), hoje essa “necessidade” é outra, é a busca de uma nova forma de ver e escrever a homossexualidade feminina, uma forma que talvez ajude as leitoras a ver e a viver uma realidade que não seja tragicamente marcada somente pelo fato de ser lésbica.

Reinhart Koselleck tece reflexões acerca do conceito de *historia magistrae vitae* (KOSELLECK, 2006; 2013). O autor nos mostra que, em uma primeira aproximação, a história mestre da vida é uma verdade de sentido, visto que o que interessa não é a realidade de fato, mas como o fato produz sentido. Segundo o autor, não dá para viver sem a história exemplar, entretanto, este aprendizado com o passado está se dissolvendo e a historicidade não tem a função didática, ela não é para aprender com o passado, mas para aprender o passado. Em relação aos mitos, Koselleck afirma que o mito ensina não a verdade de fato, mas aquilo que é uma verdade de sentido. O que temos em um mito não é uma crença no fato, mas uma crença no sentido do rito (o concreto, ritual).

Podemos realizar um exercício de alargamento deste conceito de história mestre da vida e buscar perceber como os textos literários em questão dão certos sentidos para a vida das leitoras através da narrativa. Koselleck versa como e porque a história pode ensinar alguma coisa. Diante disso, podemos pensar como e

porque tais textos podem ensinar alguma coisa para as suas leitoras, visto que claramente esta é a intenção das autoras: incitar (e mostrar) outro modo de vida para as leitoras.

Para Manoel Salgado Guimarães, a imaginação é uma operadora de possibilidades, com ela a experiência vivida ganha significado. Esta criação de significado engendra um movimento contínuo em que quanto mais significado a imaginação cria, mais o mundo do imaginário é reforçado.

A escritura é parte determinante na criação de possibilidades, sendo importante que a história não perca a sua dimensão de escritura, pois:

Perdendo-a – a dimensão de escritura -, perde com isso sua condição de permitir o acesso à imaginação do passado como forma de evocar experiências vividas por outras sociedades em outros tempos; em outras palavras, tornar o invisível, visível para os homens de outros tempos e outros lugares. (GUIMARÃES, 2008, p. 14)

De forma análoga à escrita da história, a escrita literária também é transmissão de sentidos. As personagens lésbicas são uma forma de tornar visíveis pessoas que são muitas vezes invisibilizadas no dia a dia. As experiências vividas por tais personagens fictícios pretendem fazer com que a leitora acesse a imaginação e busque com ela aprender e apreender para a sua realidade presente ou futura.

O acesso à imaginação e à apreensão de uma nova realidade são desenvolvidos ao longo de todo o texto de formação lésbico, porém é importante versar sobre o final destes textos e a mensagens que se busca mostrar. Há sempre um final feliz nestas histórias. Não que se queira mostrar que a vida de mulheres lésbicas, apesar dos percalços, terão finais felizes, na verdade, há um uso político destes finais felizes.

Se antes havia uma visão estigmatizante e trágica, com finais tristes, hoje o que se quer é uma representação mais próxima das vivências destas mulheres, que tenham um efeito de realidade. E neste efeito de realidade os finais felizes são utilizados para quebrar no imaginário das leitoras a ideia de que a vida de lésbica é trágica. Assim, esta literatura não é somente fruto de um mundo social no qual as autoras estão inseridas, mas também busca construir um mundo social para as mulheres homossexuais através de modelos diferentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há diversas formas de problematizar sobre a sociedade. E a produção cultural é uma das formas que, mesmo não sendo científica, é válida para problematizar sobre o cotidiano. Penso que especialmente a literatura é uma destas formas não científicas pela qual podemos acessar não somente questões importantes para os estudos da arte em si, mas também as disputas pelo domínio narrativo e do controle do imaginário, mostrando-nos disputas existentes em outros campos sociais, tornando-se um fértil campo de estudos para a Sociologia. A literatura muitas vezes tem uma função de legitimação das diferenças sociais, principalmente através do chamado cânone literário, que categoriza uma série de livros como sub-literatura.

Se partirmos dos ensinamentos de Koselleck (2013) quando afirma que as coisas não são, mas que as coisas estão sendo, estão acontecendo, e este acontecimento se dá no tempo e que a realidade é algo que existe em movimento e este movimento precisa ser observado, podemos entender que o passado já não é mais uma permanência e que o futuro é um desejo de mudança. E tal mudança, tal desejo, em relação à literatura lésbica é pautado na mudança, na construção de novas possibilidades de construção de personagens.

Com esta valorização do novo, não um novo modelo, mas um campo de possibilidades de construção de personagens lésbicas, há um reconhecimento automático do antigo, pois somente sabe-se o que é novo se sabemos o que é o passado (KOSELLECK, 2013). E é neste campo de disputas entre a fronteira do novo com o passado que são construídas as novidades. Novidades estas que não são inesperadas, mas que estão no fluxo da vida.

A escrita de livros voltada para mulheres homossexuais pode ser compreendida, inicialmente, como algo novo, uma mudança repentina, porém é necessário entender a história deste movimento de afirmação de lésbicas na literatura. Se antes tínhamos representações estigmatizadas da homossexualidade, a busca por uma nova representação está fincada no reconhecimento deste passado, que de fato ainda é presente. A escrita da presente literatura lésbica, que visa um futuro diferente para as vidas de suas leitoras, é uma escrita com os olhos no passado. Tais olhos buscam mãos e mentes que reescrevam histórias lésbicas,

história de descobrimentos e de amores, porém não histórias com finais moralizantes e tristes para as personagens homossexuais e que as coloque em um lugar social de exclusão.

Se de um lado as grandes editoras reclamam das dificuldades de vendas após o advento da internet, outras editoras e autores, tentam com a internet uma aproximação com o público e uma fidelização do mesmo. Assim, a rede virtual deixa de ser um obstáculo e se torna uma ponte para a venda de obras impressas e para a divulgação da homocultura. Essa realidade não ocorre somente com os livros lésbicos no Brasil, mas também com livros voltados para o público jovem, que utilizam a internet para se aproximar do público leitor jovem que está cada dia mais conectado e que mesmo assim consome livros enquanto bens culturais de status.

O que se pode perceber nas obras de Dias e na sua trajetória é que a questão da trajetória pessoal perpassa sua trajetória literária e que o contato com o público, com suas angústias, medos, vivências, felicidades, foi sendo incorporado nas personagens da autora. Karina Dias afirma não ter sofrido tanto a pressão da família quando da descoberta da sua homossexualidade, porém ela nos mostra, através de suas personagens, as dificuldades da não aceitação de si e não aceitação da família no tocante à homossexualidade feminina.

Por mais que seus textos sejam fruto da sua vontade de ver personagens homossexuais como ela em livros, tais personagens não são somente fruto de experiências individuais, mas são a condensação de uma gama de experiências vivenciadas por jovens homossexuais no Brasil atual. Assim, seus textos não devem ser vistos apenas como um divertimento para aquelas mulheres que já são assumidas e lidam bem com o fato de pertencer a uma minoria sexual.

Seus textos podem ser entendidos também como uma forma de passar uma ideia de positividade sobre a homossexualidade para aquelas jovens mulheres que ainda não lidam muito bem com o fato de pertencer a uma minoria sexual. Além disso, as vivências e meios de transpor os preconceitos que as personagens vivenciam, são formas de ensinamentos, de transpor o papel e mostrar a pessoas que estão no processo de descoberta de si, de luta contra o preconceito dentro e fora de casa, de terem forças e perceberem que é possível uma vida homossexual feliz. O que se pode perceber é que há uma mensagem política com o uso de finais felizes em tais obras. A mensagem final que se passa é que o amor vale a pena e

que se deve lutar por ele, pois somente se pode ser feliz quando se respeita quem se é, como se é, amando quem se ama.

Tais textos têm uma importância do ponto de vista pessoal, tanto da autora, quanto das leitoras, mas também são importantes do ponto de vista coletivo, para a cultura de grupo relacionada às lésbicas. Pode-se perceber que há um fomento da homocultura, da produção cultural de livros, filmes, séries de TV, peças de teatro, etc, que têm como eixo central a existência de pessoas homossexuais. Entendo que o melhor seria não necessitar existir essa distinção entre a cultura em geral e a homocultura, porém, esta distinção ainda se faz necessária, pois vivemos em uma sociedade que não aceita plenamente a diversidade sexual e nem a diversidade cultural.

Por mais que o trabalho de Karina Dias se centre no público lésbico, busca-se fazer com que tais obras sejam lidas por pessoas que não fazem parte deste grupo, a exemplo das resenhas dos livros em sites/blogs de leitores não pertencentes ao universo homossexual. Com isso a autora busca um maior reconhecimento de si e de duas obras, mas não deixando de deixar explícita a questão da homossexualidade feminina, sua e de suas personagens.

Eis aí uma diferenciação entre as escritoras que compõem a leva de escritoras da qual Dias faz parte e outras artistas que são homossexuais e não fazem disso uma bandeira cultural, política ou identitária. Não se busca fazer aqui um juízo de valor, colocando as escritoras assumidamente homossexuais e que produzem para o público lésbico como mais importantes que aquelas que são lésbicas, mas não levam isso como marca de sua produção. O que se afirma é que a não representação de mulheres lésbicas na literatura fez surgir, entre o grupo de mulheres lésbicas que tinham a internet como local de socialização, a necessidade de produção de personagens nas quais se vissem representadas.

Existe uma carência na representação destas mulheres, não somente no âmbito das relações sociais, mas também na representação cultural. A essa necessidade, posteriormente, veio a socialização destes textos, constituindo o que se pode chamar de escritoras lésbicas. Destas, pode-se perceber que Karina Dias é um exemplo interessante de como essa necessidade e percepção de ausência de personagens lésbicas, assim como o advento de blogs e sites específicos, foi utilizado de forma a fazer com que ela fosse reconhecida nos meios lésbicos como

uma escritora que “fala pelas lésbicas”, “que mostra experiências de nossas vidas”, “que nos entende como somos”, ou seja, uma profissional da representação.

A autora soube se utilizar de uma necessidade, que também era sua, e esta necessidade se transformou em um mercado de nicho com o advento da Editora Malagueta em 2008. Por mais que a autora diga que não é uma escritora profissional, pode-se perceber que houve uma profissionalização de sua escrita no decorrer de suas obras, como já foi explicitado através dos romances analisados. Seus romances passaram de história escritas e publicadas diretamente numa plataforma virtual (XanaInBox) para romances escritos, reescritos, revisados e editorados, o que modificou consideravelmente a escrita, a correção de linguagem e, principalmente, a forma de acesso ao texto.

Esse momento de escrita em blogs e sites específicos, com o uso de pseudônimos, parece ser o precursor do momento atual, no qual diversas autoras em blogs, sites e livros, não usam pseudônimos e buscam mostrar quem são, suas histórias e vidas. A internet é ponto chave no traçado desta nova representação de lésbicas na literatura brasileira, pois o elemento propulsor da produção e divulgação de textos e autoras é a existência de espaços virtuais de socialização lésbica. A internet não é mais vista como uma forma de “armário”, no qual estas mulheres estão para esconder a sua sexualidade, mas sim como uma ponte na qual descobrem novas sociabilidades e formas de viver.

Ocorre que estes espaços de socialização e leitura não permanecem apenas na própria internet. A editora Malagueta, por exemplo, fez uma aposta ao publicar de forma impressa um livro de Karina Dias que já havia sido publicado na internet. E tal aposta se mostrou frutífera, pois a obra é a que mais vende até hoje da editora, estando em sua terceira tiragem.

Mesmo com a publicação de livros impressos, o que afasta a autora de seu público leitor original, pois não há mais comentários a cada capítulo que é escrito - como havia quando os textos eram publicados na internet - a autora ainda buscou manter uma fidelização e um contato próximo com o seu público. Para isso ela tem vendido o seu terceiro livro em seu site e autografado todos que são comprados. Além disso, com a publicação de tal obra, Dias tomou parte, além do processo de escrita, do processo de editoração, impressão e distribuição da obra.

Diferentemente do que eu pensava antes de entrevistar a autora, ela não afirma ser uma escritora profissional, mas sim amadora. Tal afirmação leva a pensar

sobre a própria condição dos autores em nossa época. Mesmo que estudos nos mostrem que é difícil para escritores vivam somente da sua escrita literária, vivendo de atividades ligadas à escrita, como o jornalismo e a publicidade, mesmo assim tais pessoas normalmente consideram escritores.

Importante notar que mesmo com um bom volume de obras vendidas e com a visibilidade que tem nos meios lésbicos, prevalece na fala de Dias a escrita como prazer, como imperativo de si e como uma afirmação política de grupo. Por mais que exista a vontade de ser reconhecida por suas leitoras e que esse grupo cresça, percebe-se que o intuito maior da escrita lésbica neste momento é o fomento de si enquanto produção artística e identitária.

Pode-se perceber que mesmo que a literatura lésbica não seja considerada um gênero literário, ela é efetivamente um gênero de mercado. Além disso, a criação de um nicho de mercado, com um público leitor específico, é uma questão identitária. E essa produção cultural de nicho é criadora de modos específicos de ver e viver a homossexualidade feminina. Temos, então, com o advento e crescimento da chamada literatura lésbica um processo de afirmação identitária por parte das lésbicas leitoras e produtoras destes textos e um processo de identificação, de reconhecimento e aceitação, por parte do público leitor formado por pessoas heterossexuais.

Com esta dissertação, fecho um ciclo de estudos iniciado em minha monografia acerca da questão da relação da internet com a produção literária de lésbicas e para lésbicas no Brasil. Ocorre, porém que este ciclo temático não sairá completamente de meus campos de pesquisas. Os aprendizados destes seis anos de pesquisas (entre monografia e dissertação) me levam aos próximos estudos que irei iniciar no doutorado, ainda sobre literatura lésbica, porém focando a produção no período da ditadura militar, não mais tendo um estudo relacionando com a internet, mas com a história do Brasil e nosso passado ditatorial, que deixou resquícios na literatura lésbica que se faz hoje em dia.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W., **As estrelas descem à Terra** – a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária. São Paulo: Editora da Unesp, 2008

ALONGE, Wagner. Cultura Gay e Mídia: Auto-afirmação identitária nos espaços da homocultura midiática. In: CARDOSO, Clodoaldo M. (Org.) **Diversidade e igualdade na comunicação** - coletânea de textos do Fórum da Diversidade e Igualdade: cultura, educação e mídia. Bauru: FAAC/Unesp, SESC, SMC, 2007.

ALVES, Ivia. Escritoras do século XIX e a exclusão do cânone literário. In: **Metamorfoses**. Salvador: EDUFBA/NEIM, 1998.

ANDRADE, Giana Franco de. A desconstrução do sujeito na obra as Traças de Cassandra Rios. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-desconstrucao-do-sujeito-na-obra-as-tracas-de-cassandra-rios/62214/>> Acesso em: 12 agos 2014.

AS BREJEIRAS – Programa 07. Direção Laura Bacellar e Hanna Korich. Produção: Laura Bacellar e Hanna Korich. São Paulo: Editora Brejeira Malgueta, 2011a. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=DSieBaHxlzk> > Acesso em: 10 set. 2014.

AS BREJEIRAS – Programa 08. Direção Laura Bacellar e Hanna Korich. Produção: Laura Bacellar e Hanna Korich. São Paulo: Editora Brejeira Malgueta, 2011b. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=C5dlVwBgyEQ> > Acesso em: 10 set. 2014.

AUGÉ, Marc. **O Sentido dos Outros**: Atualidade da Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAILEY, Cristina Ferreira-Pinto. **O “Bildungsroman” Feminino**: Quatro Exemplos Brasileiros. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BECKER, Howard. **Falando da Sociedade** – Ensaios sobre as diferentes maneiras de representar o social. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Uma Teoria da Ação Coletiva**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. A ilusão biográfica. In.: ____ **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996a, p. 74-82.

_____. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996b.

_____. **A Sociologia é um esporte de combate**. Direção: Pierre Charles, Paris, 2001.

_____. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996c.

_____. Efeitos do Lugar. In: _____. (Org) **Miséria do Mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997, p.159-166.

_____. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996d.

BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____; Ruth Silviano Brandão (Orgs.) **A mulher escrita**. Rio de Janeiro: 2004.

BURNS, Mila. **Nasci para sonhar e cantar – Dona Ivone Lara: a mulher no samba**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun/ Roger Chartier. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. "Escutar os mortos com os olhos". **Estudos avançados**. 2010, vol.24, n.69, p. 6-30 . Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142010000200002&script=sci_arttext > Acesso em: 13 agos 2014.

_____. O mundo como representação. **Estudos avançados**. 1991, vol.5, n.11, p. 173-191. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000100010&lng=en&nrm=iso > Acesso em: 02 dez 2014.

CERTEAU, Michel de. Uma variante: a edificação hagio-gráfica. In: _____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982, p. 266-278.

CIXOUS, Hélène. The Laugh of the Medusa. In.: **Signs**. Vol. 1, No. 4 (Summer, 1976), p. 875-893. Disponível em: <<http://c308femmes.files.wordpress.com/2009/04/cixous-the-laugh-of-the-medusa.pdf>> Acesso em: 15 de agosto de 2014.

COLONA, Vincent. Tipologia da autoficção. In.: NORONHA, Jovita (Org). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 39-66.

COQUEIRO, Wilma dos Santos. A representação da identidade feminina no bildungsroman de autoria feminina contemporâneo. In.: **Anais IV Simpósio Internacional sobre Literatura Brasileira Contemporânea – Fórum dos Estudantes Brasília**, 25 a 27 de junho de 2012. Disponível em: <> Acesso em: 04

julh 2014.

COSTA, Claudia de Lima. O leito de procusto: Gênero, linguagem e as teorias femininas. **Cadernos Pagu**, vol. 2, 1994, p.141-174.

COSTA LIMA, Luiz. **O Controle do imaginário e a afirmação do romance** (Dom Quixote, Les Liaisons dangereuses, Moll Flanders e Tristram Shandy). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DALCASTAGNÉ, Regina. A construção do feminino no romance brasileira contemporâneo. In: **Colloque International La voix des femmes dans les cultures de langue portugaise: penser la différence**, 2007, Paris. Actes du Colloque International du Séminaire d'Études Lusophones de l'Université Paris-Sorbonne. Paris, 2007.

_____. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 13-71.

_____. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dezembro, 2007.

_____. Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, Vol. 0, N. 20, jan. 2002. Disponível em: <<http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2214/1773>>. Acesso em: 31 Agosto 2012.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos** e outros episódios da história francesa. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DE LAURETIS, Teresa. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.) **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-237.

_____. Uma descida aos infernos. **Labrys – Estudos Feministas**, n. 3, jan-jul 2003. Disponível em: <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys3/web/bras/delauretis1.htm>> Acesso em: 12 dez 2013.

_____. **Figures of Resistance: Essays in Feminist Theory**. Chicago: University of Illinois Press, 2007.

_____. When lesbians were not women. **Labrys, études féministes**, número especial, setembro 2003. Disponível em <<http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/special/special/delauretis.htm>> Acesso em: 12 dez 2013.

DEBERT, Guita G. Problemas Relativos à Utilização da História de Vida e História

Oral. In.: CARDOSO, Ruth (Orgs.) **A Aventura Antropológica**. Teoria e Pesquisa. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

DIAS, Karina. Al encuentro Del amor. In.: GHEZZI, Melissa; SALAZAR, Claudia. **Voces para Lilith**: Literatura contemporânea de temática lésbica en Sudamérica. Estruendomudo, 2011.

_____. **Aquele dia junto ao mar**. São Paulo: Brejeira Malagueta, 2009.

_____. **As rosas e a revolução**. São Paulo: Edição do autor, 2014.

_____. De repente é amor. In.: **Xana In Box**. Disponível em < <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/xanainbox.cgi?action=view&id=1742> Acesso em 14 de maio 2014.

_____. **Diário de uma garota atrevida**. São Paulo: Brejeira Malagueta, 2012.

_____. **Escrever uma história**. 15 dez 2014. Disponível em: < <http://karinadias.com.br/?p=195> >. Acesso em: 10 Dez 2013.

_____. Júlia e Sara. In.: VIANA, Fabrício (Org.) **Orgias literárias da tribo**: nossos dia a dia, desejos e sentimentos. São Paulo: Orgástica, 2014, p. 45-55.

_____. No ritmo do amor. In.: **Xana In Box**. Disponível em < <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/xanainbox.cgi?action=view&id=3037> Acesso em 20 de agos 2014.

EAGLETON, Terry. Introdução: o que é literatura? In: ____ **Teoria da literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: mulheres e (homo)sexualidades na cidade de São Paulo. In: BENÍTEZ, María Elvira Díaz; FIGARI, Carlos Eduardo. **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: CEPESC; Garamond, 2009.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas**: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FACCO, Lúcia. **As heroínas saem do armário**: Literatura lésbica contemporânea. São Paulo: Summus, 2003.

_____; LIMA, Maria Isabel de Castro. Protagonistas lésbicas: a escrita de Cassandra Rios sob a censura dos anos de chumbo. **Labrys**, estudos feministas, études féministes. Florianópolis, n. 6, agos-dez, 2004. Disponível em < <http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys6/lesb/bau.htm> > Acesso em 12 jul 2014.

FERREIRA, Débora. **Pilares Narrativos**: a construção do eu na prosa

contemporânea de oito romancistas brasileiras. Florianópolis: Mulheres, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade, v. 1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 2010a.

_____. **História da Sexualidade, v. 2: O uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Graal, 2010b.

_____. O Que é um Autor? In.: _____. **Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema (vol. III).** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 64-298

_____. O triunfo *social* do prazer sexual: uma conversação com Michel Foucault. In: MOTTA, Manuel de Barros (org.). **Michel Foucault: Ética, sexualidade, política [Ditos & escritos, V].** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GARCIA-ROZA. Livia. **Solo feminino.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUIMARÃES, Manoel Salgado. História e Narrativa: historicizando um debate. In: Isabel Lustosa. (Org.). **Imprensa, História e Literatura.** Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 13-32.

_____. Vendo o passado: representação e escrita da História. **Anais do Museu Paulista**, v. 15, p. 11-30, 2007.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou Estar Homossexual: dilemas de construção da identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina. **Sexualidades Brasileiras.** Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1996, p. 136-145.

HOLANDA, Ismênia de Oliveira. **(Re)escrita de identidades lésbicas no Brasil Contemporâneo: a experiência da Editora Brejeira Malagueta.** 2012. 105 f. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). Universidade Federal do Ceará, 2012.

ILLOUZ, Eva. O amor nos tempos do capitalismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

KOFES, Suely. **Uma trajetória, em narrativas.** Campinas: Mercado de Letras, 2001.

_____. Experiências sociais, Interpretações individuais: histórias de vida, suas possibilidades e limites. **Cadernos PAGU**, n.3, 1994, p. 117-141.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos.** Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-RIO, 2006.

_____. “História” como conceito mestre moderno. In.: ____; ENGELS, Odilo;

GÜNTHER, Horst; MEIER, Christian. **O conceito de História**. São Paulo: Autêntica, 2013.

LAHIRE, Bernard. **A cultura dos indivíduos**. São Paulo: Artmed, 2006.

_____. Do *habitus* ao patrimônio individual de disposições: rumo a uma sociologia em escala individual. In: **Revistas de Ciências Sociais: Revisando temas Clássicos e Contemporâneos**, vol 34, n. 2, 2003, p. 7-29.

LEJEUNE, Phelippe. *Autoficções & Cia*. Peça em cinco atos. In.: NORONHA, Jovita (Org). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 21-38.

_____; VILAIN, Philippe. Entrevista a Annie Pibarot: Dois eus em confronto. In.: NORONHA, Jovita (Org). **Ensaio sobre autoficção**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 223-242.

LINHARES NETO, Guilherme. **A cidade (pós)moderna e suas tramas espaciais, temporais e afetivas nas narrativas literárias de Daniel Galera e Daniel Pellizzari**. 2009. 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará, 2009.

LOBO, Luiza. A literatura de autoria feminina na América Latina. In: Revista Brasil de Literatura. Rio de Janeiro, ano I, Revista Online, jul-set, 1997. Disponível em: < <http://www.members.tripod.com/~lfilipe/LLobo.html> > Acesso em: 13 dez 2013.

MAAS, Wilma Patrícia Marzari Dinardo. **O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

MACHADO, Patrícia. Escrita feminina. In.: **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <

http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=1017&Itemid=2 > Acesso em: 9 dez 2013.

MARLEY, Luanna (Org). **Fortaleza de todos os amores: um arco-íris de poemas!** Fortaleza: Arte Visual, 2012.

MAZZONI, Vanilda Salignac. A escrita feminina: em busca de uma teoria. In: **Revista Ramal de Ideias**. N.1, 198. Disponível em: <http://repositorios.ufac.br/index.php/ramal/article/viewArticle/12>, aceso em 03 de dez. 2014.

MORALES, Lúcia Arrais. Lota de Macedo e Elizabeth Bishop: projetos interrompidos. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 2010, Florianópolis - SC. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. v. 1. p. 1-10.

MUNIZ, Celina (Orgs). **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NAVARRO-SWAIN, Tânia. Feminismo e Lesbianismo: quais os Desafios. **Labrys**, estudos feministas, Études féministes. Florianópolis, n. 1-2, julho/dezembro 2002.

Disponível em < http://www.tanianavarrosain.com.br/labrys/labrys1_2/femles.html>
Acesso em 12 dez de 2013.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **Diários Públicos, Mundos Privados**: diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade. Salvador: 2002. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura contemporânea), Universidade Federal da Bahia.

ORTIZ, Renato. Introdução: a procura de uma sociologia da prática. BOURDIEU, Pierre. In.: **Pierre Bourdieu**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

PIVA, Wagner de Oliveira. Marketing na web 2.0: A força dos blogs. In.: LAS CASAS, Alexandre (Org). **Marketing Interativo** - a Utilização de Ferramentas e Mídias Digitais. São Paulo: Saint Paul, 2010.

PORTINARI, Denise. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PROGRAMA Mulheres Poderosas. Direção: Silvia Canquerini. Produção: Silvia Canquerini. São Paulo: All TV, 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=z4dIESRfG70> > Acesso em: 5 set. 2014.

RICOEUR, Paul. **Escritos e Conferências 1**: Em torno da Psicanálise. São Paulo: Loyola, 2010.

ROIZ, Diedra. **Boleros de Papel**. Blumenau: Edição do autor, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe. In.: COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, p. 183-215.

SAHLINS, Marshall David. Experiência individual e ordem cultural. In.: ____ **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2004, p. 301 – 316.

SANTOS, Rick. Apresentação crítica e atualizada desta edição. In.: RIOS, Cassandra. **Uma mulher diferente**. São Paulo: Brasiliense: 2005.

SCHITTINE, Denise. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SCHWANTES, Cíntia. Espelho de Vênus: questões da representação do feminino. In: MUZART, Zahide (Org.). **A mulher na literatura**, n. 9, Boletim do GT, Anpoll. UFSC, 2000/2002. p. 187-193. Disponível em: <http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_cintia.htm> Acesso em: 03 maio de 2014.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão**: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Cristina Maria da. **Rastros das Socialidades**: conversações com João Gilberto Noll e Luiz Ruffato. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Campinas, 2009.

SITE elege os melhores contos lésbicos de 2008. **Dykerama**, São Paulo 02 jan 2009. Disponível em <
<http://dykerama.uol.com.br/dykerama/siteelegeosmelhorescontoslesbicosde2008/>>.
Acesso em: 20 set 2014.

SOARES, Eliane Veras. “Embora lidando com literatura, você está fazendo sociologia”. **Civitas**. Porto Alegre v. 14 n. 1 p. 81-92 jan.-abr. 2014. Disponível em: <
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16183/10960>>
Acesso em: 03 jul 2014.

SOUSA FILHO, Alípio. Por uma teoria construcionista crítica. **Bagoas**. Natal, v. 1, n.1, p. 27-59, jul.-dez., 2007.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VARGAS, Maria José Ramos. **Os sentidos do silêncio**: a linguagem do amor entre mulheres na literatura brasileira contemporânea. 1995. 111f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Universidade Federal Fluminense, 1995.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: XAVIER, Elódia (Org.) **Tudo no feminino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

YOUNG, Iris Marion. **Inclusion and democracy**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, 1994.

APÊNDICE A – LISTA DE TEXTOS PUBLICADOS POR KARINA DIAS NA INTERNET

1. De repente é amor

Período de publicação: Janeiro a Março de 2007

Site: Xana in Box

Link: <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/xanainbox.cgi?action=view&id=1742>

2. Simplesmente irresistível

Período de publicação: Março a Junho de 2007

Site: Xana in Box

Link: <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/post.cgi?action=addexisting&id=1903&allowadd=no®value=1&storytitle=Simplesmente+irresistível>

3. Prova de Fogo (em coautoria de Jenny Hunter)

Período de publicação: Maio a Junho de 2007

Site: Xana in Box

Link: -

4. Quando o Amor Acontece

Período de publicação: Julho a Setembro de 2007

Site: Xana in Box

Link: <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/post.cgi?action=addexisting&id=2328&allowadd=encdias@yahoo.com.br®value=Karina%20Dias&storytitle=krinadias>

5. No ritmo do amor

Período de publicação: Outubro de 2007 a Março de 2008

Site: Xana in Box

Link: <http://glsplanet.terra.com.br/cgi->

bin/xanainbox/xanainbox.cgi?action=view&id=3037

6. Amor de carnaval (em coautoria de Jenny Hunter)

Período de publicação: Fevereiro a Julho de 2008

Site: Xana in Box

Link: <http://glsplanet.terra.com.br/cgi-bin/xanainbox/xanainbox.cgi?action=view&id=3342>

7. Dez coisas que eu odeio em você (em coautoria de Diedra Roiz)

Período de publicação: Abril a Agosto de 2008

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/LIVRE_ARBITRIO/Livre_reformulado/karina_diedra/dezcoisas.html

8. Encontros e Desencontros

Período de publicação: Maio de 2009

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/la/contos/karina_dias/encontrosedesencontros.html#1

9. Estranhas Conhecidas (em coautoria de Drikka Silva)

Período de publicação: Janeiro a Setembro de 2010

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/LIVRE_ARBITRIO/Livre_reformulado/drikka_karina/estranhasconhecidas.html

10. Armações do Amor

Período de publicação: Agosto a Setembro de 2010

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/la/contos/karina_dias/armacoesdoamor.html#1

11. Vinhos & Tintas (em coautoria de Katalyloa)

Período de publicação: Abril a Maio de 2011

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/la/contos/karina_katalyloa/vinhosetintas.html#1

12. Uma Carta de Amor

Período de publicação: Novembro de 2011 a Junho de 2012

Site: Livre Arbítrio

Link: http://www.livrearbitrio.net/la/contos/karina_dias/umacartadeamor.html#1

13. Encontro marcado - Karina Dias

Período de publicação: -

Site: -

Link: -

ANEXO A – TEXTO DE KARINA DIAS SOBRE A SUA ESCRITA

Escrever uma história

Uma pergunta que eu respondo frequentemente é: Karina, como você consegue escrever tantas histórias?

Escrever é algo que está enraizado na minha vida, mas nem sempre foi assim. Antes de rabiscar as primeiras frases em um pedaço de papel, eu li bastante, embora o meu primeiro contato com os livros, aos 12 anos, tenha se dado à revelia por imposição de uma professora de Língua Portuguesa do antigo ginásio. Costumo dizer que esse foi o melhor castigo que eu recebi de um professor em toda a minha vida.

Esse rodeio todo é para responder a pergunta, está bem?

Para mim, escrever é 90% prática e 10% talento. Desproporcional? Pode até parecer, mas vamos dissecar esses números.

Ler muito, essa é a regra. Ponha na sua cabeça que a leitura deve ser um hábito permanente em sua vida. Não adianta querer ser escritor e não gostar de ler. Sabe por quê? Simples, quando abrimos um livro, não é apenas para apreciar a história, mas também, aprender com os grandes escritores.

Leia atentamente, preste atenção na construção das frases, dos diálogos. Tente descobrir qual pitada de emoção determinado escritor colocou em uma passagem que tenha te emocionado, despertado sensações adversas em seu interior.

Leu bastante? Continue lendo... Mas, adicione na sua receita um pouco de concentração. Escreva resumos de livros, redações, diários... qualquer coisa em lugares adversos, ou seja, no ônibus, na fila do banco, na praça de alimentação de um shopping ou no silêncio do seu quarto.

Descubra o local mais confortável para que você treine o seu poder de concentração. Eu, particularmente, escrevo em qualquer lugar, simplesmente me desligo do mundo. Mas nem sempre foi assim.

Descobriu o seu cantinho da tranquilidade? É hora de começar o que eu chamo de tentativa e erro. Imaginou, ponha no papel as suas ideias, mesmo que naquele momento elas não pareçam tão consistentes.

Escreva exaustivamente, com vontade ou sem vontade, e mesmo que você ache uma porcaria... escreva! Quando colocamos nossas ideias no papel estamos treinando a nossa escrita, testando nossas habilidades e o que é melhor, descobrindo o nosso estilo, a nossa identidade. Os estilos podem até se parecer, mas cada um de nós tem o seu diferencial, a sua marca registrada.

Cansou? Tá vindo de onde vem aqueles 90%?

Não parou por aí. Respire e escreva mais um pouco... Não se preocupe com os erros de português, vai escrevendo depois a gente pensa nas revisões.

Tem gente que acha que ser bom em gramática é o suficiente para escrever qualquer coisa. Ajuda, mas sem suor, a folha fica em branco. Se vocês buscarem as minhas primeiras postagens na internet verão que minha imaginação era fértil, mas a minha gramática era bastante deficiente.

Melhorar é preciso, claro! Por isso, ao longo dos anos comecei a prestar mais atenção nas questões gramaticais. Um erro ou outro vamos sempre cometer. Desencane, somos seres humanos e jamais saberemos de tudo com excelência.

Agora... os 10%... Gostou, né? Liberte a imaginação! Junte todas as suas experiências, valorize os detalhes, ouça os outros sempre, preste atenção nas pessoas que estão a sua volta, que passam por você todos os dias nas ruas.

De coração aberto, converse com gente de todas as idades, crenças, raças, sexualidade... E construa histórias fictícias ou não, publicáveis ou não, mas saboreie com paixão cada linha que você escrever, porque, nada é mais gostoso do que o começo, o meio e o fim, que se repete, em ciclo, para sempre... Começo, meio e fim.

Boa sorte!

Fonte: (<http://karinadias.com.br/?p=195>)